

XXXII.

Foy pelo rio das Maçans correndo,
 Que este nome conserva hoje comfigo,
 Chega a hum monte, que as nuvens excedendo,
 Era de aves, e feras fero abrigo:
 Do alto cume ao baixo discorrendo,
 A porta vê, que de hum penedo antigo
 Está sellada, e nella vê cravados
 Os despojos dos tímidos veados.

XXXIII.

Do leão, e do urso alli se via
 A enrugada testa estar pendente,
 E a negra, e fera boca, onde luzia
 De cada lado o navalhado dente:
 O rebanho escondido alto mugia
 Do monte nas entrânhas eminente,
 A porta tenta, quando vê diante
 O monstroso corpo de hum gigante.

XXXIV.

Caminhante, lhe diz, ousado, espera,
 Que tua vinda estimo em grande extremo,
 Porque essa féra massa, e testa féra
 As portas honrarão de Pithodemo:
 Ergue o bastão, que hum tronco inteiro era,
 A que Alcides responde: Não te temo,
 Monstro, só em palayras arrogante,
 Sabe, que ao grande Alcides tens diante.

XXXV.

Só com ouvillo a voz, e côr perdendo,
 Vencido está da fama, e do que ouvira,
 E resistir a Alcides mal podendo,
 Ao intratavel monte se retira:
 Sobre as azas do vento vay correndo,
 Traz d'elle Alcides sobe ardendo em ira,
 Que á porta outra vez desce, e mudo, e quedo
 Os duros hombros prova no penedo.

XXXVI.

Naõ podendo vencello, ao duro monte
 Sobe irado, tomando novo alento,
 Onde de pedras orna a crespa fronte,
 Que sempre açouta a tempestade, e o vento,
 Onde nem ramo soa, ou ferve fonte,
 De aves nocturnas horrido aposento,
 Enorme, e feyo, povoado apenas
 De secos juncos, e de quentes penas.

XXXVII.

No mais alto huma penha ao ar erguida
 Se mostrava, que Alcides enojado
 Abraça duramente, que impellida
 Nuta levada n'hum, e n'outro lado,
 Cahe do monte graõ parte desafida,
 Vê-se de Pithodemo o agasalhado,
 Que pállido, e medroso naõ atina,
 Que causa tem taõ subita ruina.

Naõ

XXXVIII.

Naõ rompem com estrondo semelhante
 Os largos feyos de agua carregados
 As nuvens, que toando o Ceo diante,
 Soltaõ chuveitos negros, e pezados:
 Nem com tal furia vibra o graõ Tonante
 Os rayos por Vulcano fabricados,
 Quando as costas do mar feridas gemem,
 E as esferas do Ceo nos polos tremem.

XXXIX.

Pithodemo confuso está, e medroso
 Vendo taõ perto o ultimo perigo,
 Pedras arroja a Alcides valeroso,
 Que ao centro vay bulcar seu inimigo,
 Pela abertura salta, onde animoso
 Lhe levava nos braços o castigo,
 Que fugirlhe, e esconderse em vaõ procura,
 Illustrada do Sol a cova escura.

XL.

Como se a parda terra se rasgasse
 Té ás entranhas, mostrando o escuro Averno,
 Onde da morte pállida ficasse
 A escura regiaõ aberta ao Ceo superno:
 Se a pura luz do Sol ousada entrasse,
 Na horrenda confusaõ do triste inferno,
 Seria entre os tormentos, e crueldade
 Temida, e odiada a claridade.

XLI.

Tal Pithodemo as sombras vay buscando;
 Onde se esconda, e Alcides diligente
 O seguia, a caverna penetrando,
 E nos braços o aperta estreitamente:
 Nelles os duros ossos estalando,
 A alma sahe do corpo impaciente
 Deixa os membros, mostrando amortecida
 A cor do rosto, a boca denegrida.

XLII.

Já das grossas cadeas delatava
 Alcides o penedo, que servia
 De porta á escura casa, que guardava
 Os furtos, que o vil dono alli escondia:
 Deixava Alcides a pezada clava,
 E o penedo c'os braços revolvía,
 E o arrugado rosto, e barba esqualida
 Da cor descobre verdinegra, e pallida.

XLIII.

Abre a porta, ao claro Ceo mostrando
 Dos furtos o segredo manifesto,
 Alcides, pelos pés tira arrastando
 O inutil pezo, ao Ceo, e á terra infesto;
 Que com seu bruto sangue está afeando
 Os olhos tristes o medonho gesto
 De Pithodemo morto, horrido, e feo,
 Qual novo Caco, ou Africano Antheo.

Tanto

XLIV.

T'anto que a fama, que com tantas pēnas,
 E tantas linguas, e olhos que não cerra,
 O mundo corre, e as cousas mais pequenas
 Sempre acrescenta, quando menos erra,
 Naquellas regioens frescas, e amenas,
 No baixo valle, e mais remota ferra
 Divulgou esta morte, ninguem fica
 Sem ver de Pithodemo a casa iniqua.

XLV.

Despovoaõse os campos, e os lugares
 Por ver deste tyranno o corpo infando,
 Que levaõ com fortissimos collares
 Hora no ar suspenso, hora arrastando:
 A Alcides erguem, e a Megara altares
 Em honra deste dia memorando,
 E o tempo gastador, que tudo come,
 De Collares conserva o proprio nome.

XLVI.

Isto Adraсто lhe disse, e levantado
 Do sacrificio, alegre se partia,
 E a Ulysses, que levava ao dextro lado,
 Favor liberalmente promettia:
 Da guerra as causas tinha relatado,
 E como as ouve Adraсто, respondia:
 Pezame verme carregado, e velho,
 Que só posso ajudarvos co' conselho.

XLVII.

Lá no vigor da verde mocidade
 Eu partia hum leão, eu só prostrava
 Hum touro, onde ninguém na agilidade,
 Na força, e na carreira me igualava:
 Tudo leva comfigo a longa idade,
 Té o animo, que os membros governava,
 Na pezada velhice a triste vida
 He de seu proprio dono aborrecida.

XLVIII.

De Gorgoris Adrasto era inimigo,
 Porque infestado já da guerra dura
 D'elRey Licinio fora em tempo antigo,
 Que hum mortal odio eternamente dura:
 Promettelhe ajudallo como amigo,
 E sobre esta palavra, e fé segura
 Theouro, armas, e gente lhe offerece,
 Que Ulysses cortezmente lhe agradece.

XLIX.

Filarco está presente, a que o facundo
 Ulysses persuade a dura guerra,
 Que elle com gosto aceita, e do profundo
 Odio instigado, que no peito encerra:
 Não temais, lhe dizia, a todo o mundo,
 Que ainda que se ajunte o Ceo, e a terra,
 Só esta basta, e hum pouco a cor mudada,
 Leva até o méyo a generosa espada.

LIX

Em aneis de ouro todo lhe enredava,
 Collo, e hombros, o lucido cabello,
 Do rosto a magestade acompanhava,
 Que entre suas ondas era inda mais bello:
 De minio a cor as faces lhe adornava,
 Naõ podendo a inveja reprehello,
 Que parecia a cor assim abrazada
 Huma rosa nas faces desfolhada.

LIX

Qual o catulo novo, que se via
 Da teta da leoa descontente,
 Da gruta escura sahe, aonde se cria;
 Que de animoso deixa impaciente:
 As unhas prova, que na pedra afia,
 Armada a boca já de fero dente,
 Sobe ao monte com a vista em fogo aceza,
 Solicitando a fugitiva preza.

LII

Affim Filarco a Ulysses se offerece,
 De fortes armas vindo ao campo armado,
 Gorgoris entre tanto resplandece
 Dos esquadroens guerreiros rodeado:
 Sobre hum carro voando, que parece
 Deixar na area apenas estampado
 Sinal da roda, vay com grave assombro
 Huma lança brandindo sobre o hombro.

LIII.

Já o rouco clangor da horrenda , e brava
 Tuba nos leves ares se estendia,
 Que topando nos montes se quebrava,
 Onde a guerra em mil bocas repetia :
 Guerra nos montes , guerra no ar soava,
 Em seus quicios gemendo Jano abria
 A ferrea porta , onde a paz encerra
 O estupendo furor da dura guerra.

LIV.

Entre a nuvem do pó , que que levantada
 No ar Leostenes vio , que o faz escuro,
 Se via scintillar a gente armada
 Nas lanças , e nos peitos de aço puro :
 Armas , armas gritava , hum leva a espada ;
 Outro á porta descia , e sobe ao muro ,
 Todos a hum tempo se armaõ , e desenrolaõ
 As bandeiras marciaes , que no ar tremolaõ.

LV.

De fóra ao muro escadas se applicavaõ,
 Que os de dentro com furia rebatiaõ ,
 Lanças no ar voando se topavaõ ,
 Huns dardos do alto descem , outros subiaõ :
 As portas já com maquinas tentavaõ ,
 Que os cercados com outras defendiaõ :
 Fulgurando nas armas vem diante
 Lanoso , que era em membros hum gigante.

LVI.

De armas luzentes vem vestido, e dellas
 Os rayos scintillavaõ o ar enchendo
 Das laminas, que verdes, e amarellas
 Humas vaõ sobre as outras succedendo,
 E nas armas ferindo, as escarsellas
 Ruido excitaõ, quando as vay movendo,
 E o grave peso seu naõ o embaraça
 Para esgrimir a carregada maça.

LVII.

Traz Gorgoris consigo a Valinferno
 Graõ Capitaõ de muita gente armada,
 Que tem o famosissimo governo
 Da Cidade por Hercules fundada :
 Onde o Mondego com licor eterno
 Os fortes muros beija, e a dourada
 Margem regando com saudosa vea,
 Cerca de crystal puro ilhas de area.

LVIII.

E de aço na fortissima corrente
 Traz duras feras, com que pelejava,
 Hum Lybico leaõ, huma serpente,
 Bravo, e fero o leaõ, a serpe brava :
 Entre as valentes feras mais valente,
 Que quem da garra, e boca lhe escapava,
 Se na massa (que he hum pinho inteiro) toca,
 Tem mór perigo, que na garra, e boca.

LIX.

Lanoso alli se achava, a voz erguia
 Contra os do muro: O' Gregos atrevidos;
 Lhe diz, onde guardais essa ousadia,
 Como imbelle rebanho recolhidos:
 Mas antes que no mar se esconda o dia
 Entrados vos vereis, e destruidos,
 Em que a Jupiter peze, e com voz alta
 Arriba, diz, e o forte muro assalta.

LX.

Ouve-se o grito universal, que davaõ
 As esquadras, que ao muro levantado
 Chegandose, as escadas applicavaõ,
 Que tem por varias partes oppugnado:
 Creonte, a quem as armas naõ pezavaõ,
 No perigo mayor mais alentado,
 O muro, e baluartes visitava,
 Tudo em ordem dispoem, tudo animava.

LXI.

D'entre as ameas altas embebiaõ
 Co' braço duro as luas encurvadas,
 Com que tapando, o Sol o ar cobriaõ
 Nuvens de settas de veneno armadas:
 A muitos, que estaõ longe o peito abriaõ,
 Atravessando as pennas apressadas
 O ar futil, e o corpo mais armado
 Deixaõ de ardente purpura banhado.

LXII.

Quer Lanoso valente entrar o muro,
 E na escada, que arrima, está subido,
 Graves golpes soffrendo, o braço duro
 Ao muro estende de armas guarnecido:
 Qual costuma descer do seyo escuro
 O granizo da nuvem sacudido,
 Tal a chuva das pedras, que cahjaõ,
 Nas armas, e no escudo a rebatiaõ.

LXIII.

Elle co' escudo o corpo vay cobrindo,
 Que cravado de settas embracava,
 De huns os golpes recebe, outros ferindo,
 Qual torre as mesmas torres igualava:
 Subindo Alcino, e Alastor subindo,
 A ambos a inveja a vida lhe tustava,
 Que a brava espada alli Creonte esgrime,
 Com q' do muro a hum deita, ao outro opprime.

LXIV.

Hum cahe ferido, logo o outro morre,
 Porém o valentissimo Lanoso
 Entre as âmeas da soberba torre
 Bravo acomete o passo perigoso:
 A defenderlhe a entrada Sergio corre,
 Vendo inimigo taõ forte, e poderoso,
 Que já parece de ferido, e exangue
 Huma peña de ferro em mar de sangue.

De.

LXV.

Depois que sobre o muro foy rompendo
 Pelas armas, e tiros atrevido,
 Muitas feridas dando, e recebendo,
 De espadas, e de lanças opprimido,
 Grande espaço resiste, e não podendo
 Durar já de acossado, e de ferido,
 Da parte, donde o muro he menos alto,
 Té o fosso mede em perigoso salto.

LXVI.

Grande rumor as armas excitaraõ
 Co' grave golpe do feroz Lanoso,
 E sobre a terra as veas derramaraõ
 Do negro fangue hum rio caudaloso:
 Até que os seus nos braços o tiraraõ
 Do conflito da guerra perigoso,
 Quando desamparado quasi teve
 Ao carregado tronco a vida leve.

LXVII.

Depois de na batalha sanguinosa
 Com mil combates asperos, e duros
 Ter Gorgoris passado a trabalhosa
 Tarde, batendo os levantados muros:
 Vendo gastado o Sol, e que a formosa
 Luz molhava no mar seus rayos puros,
 Para ir queimar as naos se aparelhava,
 Que á terra a tenaz ancora ligava.

Com

LXVIII.

Com sua sombra a noite carregada
 A toda a pressa atraz da luz corria,
 E sobre os horizontes dilatada
 Encobre os rayos do formoso dia:
 Já de luzentes féras rodeada
 A Caçadora lucida seguia
 Co' Syrio caõ na clara noite estiva
 A urfa torpe, a lebre fugitiva.

LXIX.

Passando atravessava n'hum formoso
 Ruço, que negro o cabo, e crinas tinha,
 Que os fortes braços levantando airoso
 Té os largos peitos pelos ares vinha:
 Chea de prata a boca do espumoso
 Freyo, taõ agil, taõ veloz caminha,
 Que apenas final deixa, donde punha
 As meyas luas da ferrada unha.

LXX.

Por entre a sombra as teyas levantando
 Ao mar Gorgoris corre ousadamente,
 Que á vista dos cercados caminhando
 Do Tejo busca a rápida corrente:
 De Baccho as negras furias imitando,
 Vencia a noite escura a faxa ardente,
 Ficaõ da luz dos pinhos abrazados
 De densa nuvem os ares coroados,

LXXI.

Dormindo sobre as ancoras estavaõ
 As naos, quando do fogo a teya ardendo,
 De fóra as maõs imigas applicavaõ,
 As enxarcias, as proas, o ar lambendo:
 Creonte, a quem os olhos se arrazavaõ,
 A Jupiter Tonante a voz erguendo:
 Move, dizia, ó soberano Jove
 Tuas fortes armas, se esta voz te move.

LXXII.

Defende, graõ Senhor, a Grega Armada,
 Que foy por ti mil vezes defendida,
 Que a Scilla, e a Carybdes indomada
 Venceo, e de Euro a furia embravecida:
 De rayos mostra a maõ divina armada,
 Que he no inferno, na terra, e Ceo temida,
 Com pressa acode, pois a causa he tua,
 Antes que a Armada Gorgoris destrua.

LXXIII.

Ao grande estrondo logo o Tejo undoso
 Fóra das ondas a cabeça lança,
 Vê Gorgoris com flammis victorioso,
 Que por queimar a Armada não descança:
 Derrama da urna de ouro o seu copioso
 Crystal, com que a corrente pura, e mança
 Altera grandemente, e com mór brio
 Já suas margens excedia o rio.

LXXIV.

Vay as furiosas ondas levantando,
 Entumecendo ferras de agua erguia,
 Hum monte n'outro monte encapellando,
 As fauces do ceruleo abyflo abria:
 Contra o bravo inimigo pelejando,
 As espadanás, de que se cingia,
 Como espadas oppunha oufadamente,
 Fiel amigo a seu amigo ausente.

LXXV.

Convoca os grossos ares, n'hum momento
 Se vem os horizontes abafados
 Das nuvens, que trazia o fero vento,
 Dos Hyperborios frios congelados:
 Corre a huma parte, e a outra o Ceo violento
 Com mil chuueiros negros, e pezados,
 Tudo era grave horror, e representa
 Irse armando no ar grande tormenta.

LXXVI.

A agua o ar açouta congelada,
 Que no rosto os feria gravemente,
 Causando a tempestade inopinada
 Medo fatal na Lusitana gente:
 Fugia a multidão desenfreada,
 Huñs a outros matando insanamente,
 Rios de agua, e de sangue misturavaõ
 Os que a todo o correr as costas dayvaõ.

LXXVII.

Cahindo rayos, o ar, e o Tejo ardendo,
 O Tejo o Ceo nos rayos imitava,
 A mesma natureza parecendo,
 Que armando os elementos pelejava,
 Tempestade de fogo, e de agua erguendo,
 E quem fugia d'hum, n'outro topava,
 Subindo ao Ceo as ondas, e sobre ellas
 Cahem diluvios de rayos das estreillas.

LXXVIII.

Vemse de seus amigos offendidos,
 Crendo, que os inimigos tem ao lado,
 A agua o sangue iguala dos feridos,
 Que a propria cor ás ondas tem mudado:
 Quem foge ao ferro, cahe nos encendidos
 Fogos: quem delles foge, no enrolado
 Pégo se abraza, onde perece logo;
 Que hũ arde em agua, outro se afoga em fogo.

LXXIX.

Alli huns sobre os outros pereceraõ,
 Abrindose caminhos com as espadas,
 Outros nas ondas tumidas verteraõ
 Doces vidas, bebendo aguas salgadas:
 Das bandeiras, e insignias, que perderaõ,
 Se vem do Tejo as ondas semeadas,
 Trofeos de seu furor, que com graõ festa
 Ergue nos cornos da cerulea testa.

LXXX.

Gorgoris affrontado, e já rendido,
 Porque o rio o persegue, o Ceo, e o vento,
 Oppoem ao Ceo as armas atrevido:
 Infana dor, infano atrevimento:
 Mil vezes affogado, e mil perdido
 Com viva alteraçã do pensamento
 Esperava do Sol os rayos puros
 Para tentar de novo os novos muros.

LXXXI.

Quando outra vez a Aurora o seu thesouro
 Descobre em luz banhado no Oriente,
 E imitando ao seu cabello louro,
 O mar se empola em ondas juntamente:
 Pizando estrellas com cothurnos de ouro,
 As flores poem na testa preeminente,
 Lançando aljofar das mimosas fraldas,
 Sobre os campos de verdes elmeraldas.

LXXXII.

Sahe Gorgoris mais bravo, os seus anima,
 Sobre o carro a lança no ar brandindo,
 Aos do muro arremeça, onde os de cima
 Vaõ chuveiros de settas despedindo:
 Graves escadas para o muro arrima,
 E por ellas hum tempo está subindo,
 Sobre a cabeça o escudo, e afferrada
 Na alta escada huma maõ, outra na espada.
 Com

LXXXIII.

Com elle Arga , e Gerés , varoens temidos ,
 Entre as ameas poem duras escadas ,
 Das armas inimigas opprimidos ,
 E as que vestem dos golpes aboladas :
 De disformes encontros sahem feridos ,
 Apertadas nos punhos as espadas ,
 Onde cahindo cada qual media
 O espaço , que do alto ao fosso havia.

LXXXIV.

Naõ montava a Agenor dobrado peito ,
 Nem elmo forte a Menesteo valente ,
 Nem o escudo de sete dobras feito
 A Licon , que na espalda a morte sente ,
 A hum Gorgoris co' a ponta abria o peito ,
 Na testa d'outro tinge o ferro ardente :
 Naõ se acha quem a oppor se lhe atreva ,
 A Pico a perna , a Sylvio o braço leva.

LXXXV.

Moço era Sylvio , o gesto descobrindo ,
 Era no braço forte , em rosto bello ,
 Invejaraõlhe a cor cisnes do Pindo ,
 E o mesmo Apollo o ouro do cabello :
 Que igual outro naõ vio de Atlante ao Indo
 O abrazado senhor da antiga Delo ,
 E da cerulea até a vermelha Thetis ,
 Do Tejo a Tanais , e do Gange a Betis.

LXXXVI.

Aos seus, dizia Gorgoris, oufados
 Capitaens: Não soffrais, que nesses muros
 Fiquem Gregos logrando os desejados
 Campos do ameno Tejo em paz seguros:
 Todo o caminho he facil a esforçados,
 Brandos acha o valor os passos duros,
 Seguime; e por seguillo os seus correndo
 Hum tecto no ar de escudos vaõ tecendo.

LXXXVII.

Cubertos chegaõ dos escudos fortes,
 Sobre elles deice a tempestade fera
 Das pedras, donde voaõ tantas mortes,
 Qual se cahiraõ da mayor esfera:
 Pezos disformes cahem de varias fortes,
 Que hum monte cada qual fundir podéra,
 Arrojaõ grandes lanças, seguem logo
 Graves teyas de pez ardendo em fogo.

LXXXVIII.

Trazem os Lusitanos levantada
 Huma disforme trave de grossura
 Excessiva, que a testa tem cravada
 Do ariete mortal, pezada, e dura:
 Nas rodas velocissimas tirada
 Na ferrea porta bate mal segura,
 E a seus soberbos golpes vacillando
 A porta geme, o muro está nutando.

Não

LXXXIX.

Naõ basta o marmor solido, e constante
 A resistir a força, que trazia,
 Que os quicios de metal firme, e possante
 Rebentaõ, com que a porta se rompia:
 Nenhum grande reparo era bastante;
 Quando a testa cruel nelle feria,
 Acomete o inimigo a aberta entrada,
 E acha de gente a viva porta armada.

XC.

Alli a espada forte revolvendo
 Leostenes, o inimigo ousado offende,
 Duras malhas abrindo, e desfazendo,
 Braços, escudos, e cabeças fende:
 De mortos sobre a porta hum monte erguendo,
 Já com elle dos vivos se defende,
 E tal estrago faz, que entrar a porta
 A' gente viva impede a gente morta.

XCI.

Instaõ os inimigos, este atira
 O forte dardo, aquelle da encurvada
 Lua a corda facode, porque o fira,
 Outro no ar levanta a larga espada:
 Elle a todos responde em fogo, e ira,
 Naõ recebe ferida mal vingada,
 Nobres saõ todas, e das suas feridas
 Sahiraõ pelas costas muitas vidas.

Aqui

XCII.

Aqui o soberbo Fulvio, que presente
 Se acha, o escudo abraça, e do luzido
 Ferro, qual d'hum espelho transparente,
 Cercado move os passos atrevido:
 Contra todos aperta a espada ardente,
 E no famoso escudo recolhido,
 Bramindo se arremessa, que podera
 Tremer delle Mavorte, e a quinta esfera.

XCIII.

Naõ freme assim do caçador Rifeo
 Barbara tigre, que da setta dura
 Leva as pennas no lado, quando veo
 Beber na calma ardente á fonte pura:
 Nem com tanto furor o mar Egeo
 Com as forças de Austro em tempestade escura
 Ergue as tumidas ondas, com que aspira
 Bater do Olympo os muros de çafira.

XCIV.

Tem negra cor, cabello retorcido;
 Fundidos olhos, testa abbreviada,
 E do beijo o bigode sahe comprido,
 No largo queixo a barba tosquizada,
 Grosso, e rombo o nariz, e denegrado,
 De sulcos profundissimos lavrada
 A triste face, e de verrugas chea,
 Que a menor fealdade era ser fea.

XCIV.

Já deita sangue mais que de huma fonte,
 Já a mão não rege a espada, e sempre esteve
 Sem perder a braveza, que defronte
 Com quantos se lhe oppoem bravo se atreve:
 Contra todos levanta a altiva fronte,
 Faz tudo quanto a valeroso deve,
 E quando vê de todo que desmaya,
 Escolhe hum, a que mate, e com que caya.

XCVI.

Cahe sem alento, e tendo vomitado
 A alma, e sangue, nelle o corpo vira,
 Dando o peito ferido hum apressado
 Anhelar congoxoso, com que espira:
 Ainda o escudo assim tinha abraçado,
 E a espada no pulso, e quem o vira,
 Cuidara, que era vivo, e está de modo
 Que era huma só ferida o corpo todo.

XCVII.

Em quanto nestas provas vão passando,
 E a porfia da guerra se dilata,
 O Sol seu carro ás ondas inclinando,
 Torna as agua do Tejo em pura prata:
 Sua corrente Ulysses vem cortando,
 Que mais veloz, e alegre se desfata,
 Com socorro, que traz, e o pezo grave
 A's espaldas do Tejo era suave.

CXVIII.

Os cercados daõ vozes de alegria,
 Tocaõse as roucas tubas, que soavaõ,
 De mil gritos hum grito o Ceo feria,
 Volteando as bandeiras tremolavaõ:
 Ulysses, que do Tejo os muros via,
 Que as armas inimigas affombravaõ,
 A proa á terra inclina, que deseja
 Meterse na Cidade, e na peleja.

XCIX.

Porém Gorgoris n'alma a pena sente
 De ver taõ graõ soccorro, e as vivas cores
 Das flamulas, que cobrem a corrente,
 E acendem no ar altivos resplandores:
 Deixa o combate, e corre diligente
 A' praya, onde esperava os vencedores
 Ferros tingir, se ao Tejo entaõ fizesse
 Que em lugar de crystal sangue corresse.

C.

Alli ligeiro voa, alli corriaõ
 Os que seguindo o vaõ, e sobre as manças
 Ondas do Tejo a terra huns pertendiaõ,
 Que outros defendem com soberbas lanças:
 Botes soaõ, espadas retiniaõ,
 E da Cidade as novas esperanças
 Huns procuraõ cortar, outros por ella
 Perdem a vida, e querem defendella.

Sobre

CI.

Sobre hum dourado bargantim Phylarcc
 O socegado rio vem cortando,
 Mil vezes dobra, e mil foltava o arco,
 Donde as aladas settas sahem voando:
 Na terra pega a proa o leve barco,
 Donde n'hum salto desce, e alli abraçando
 O forte escudo, a grave espada afferra,
 Arde em furor, c'os inimigos ferra.

CII.

Em roda a espada vibra generosa,
 Que iguala a de Orion, quando subindo
 No ar por entre a noite tenebrosa,
 As nuvens' prenhes de agua vay ferindo:
 Quando com luz infauſta, e temerosa,
 Com rayos sahe a escuridade abrindo,
 E ajudado das turbidas procellas
 A ferro poem exercitos de estrellas.

CIII.

Do bargantim por hum, por outro lado
 Todos com as maõs nas armas se arrojavaõ,
 Huns graõ parte do Tejo tem gostado,
 E os corpos nos escudos sustentavaõ:
 Este, que toma fundo, passa armado,
 E outros, que ainda fundo naõ achavaõ,
 Nadaõ até que a planta a praya toca,
 Outro á terra co' a espada sahe na boca.

CIV.

Gorgoris pela praya discorria,
 E os seus com grandes vozes animava;
 Vendo, que ao Occidente inclina o dia,
 E a gente a seu pezar desembarcava:
 A Sergio, que do barco á praya via
 Sahir, co' ferro nu se arremessava,
 Moço galhardo, a quem a guerra engana;
 Grande senhor da ferra Mariana.

CV.

A primeira lanugem ao moço louro
 A face apenas veste, e tremolando
 Em suaves anneis o futil ouro
 Decoramente o rosto vay cercando:
 Em sete partes o dobrado couro
 Do escudo abria o ferro penetrando,
 Na espalda mostra a ponta ensanguentada,
 E nos peitos co' punho bate a espada.

CVI.

Os que a seu Rey no barco acompanhavaõ,
 Todos a soccorrello concorreraõ,
 E como a hum lado todos carregavaõ,
 Grande parte do Tejo recolheraõ:
 Huns debaixo dos outros se affogavaõ,
 Outros lançando as ondas, que beberaõ,
 A' terra sahem, e quando á praya chegaõ,
 A vida na inimiga espada entregaõ.

Ulysses

CVII.

Ulyfles entre tanto tem vestido
 As fortes armas, e do barco deçe,
 Reſplandecendo armado, e taõ temido,
 Que o inimigo de vello fõ eſtremece:
 A Telefo até o pomo vê eſcondido
 O eſtoque, e com ſeu ſangue o Tejo crece,
 Que ſobre as ondas cahe morto, e exangue,
 E as aguas, que bebera, paga em ſangue.

CVIII.

Ouve Creonte o eſtrondo, e do que ouvira
 Mayor aquella affronta imaginava,
 E nos cerrados muros naõ cabia,
 Porque alli pelejando naõ ſe achava:
 Sahe da Cidade, o imigo acometia
 Por hum lado, a quem tanto perturbava;
 Que eſtá aſlombado, mas conſtante, e quedo,
 Como quem nunca vira o roſto ao medo.

CIX.

Co' a preſſa, e grave horror, q̃ a noite augmenta,
 Hum foge indo ferido, o outro geme,
 A huns ſegue o inimigo, que aſfugenta,
 Outro ſem o ſeguirem foge, e teme:
 Qual ſobre a rocha, onde o mar rebenta,
 Aos duros golpes o penhaſco treme,
 Gorgoris atalhado, e impedido,
 Se vê d'hum lado, e d'outro combatido.

CX.

Creonte o arco forte sacudindo,
 Com a setta alada os leves ares fende,
 Ao bruto, e fero Capaneo ferindo,
 Que os grandes membros sobre a terra estende:
 Caminho a morte na ferida abrindo,
 Onde a dourada fibula se prende,
 Estava co' tremor da morte horrendo
 O corpo em negro sangue revolvendo.

CXI.

Homem tímido, e vil de nascimento,
 Nobre só pela mãy, que tinha feito
 Provas de graõ traidor, e fraudulento,
 Sendo no rosto hum, outro no peito:
 Cruel, e de alterado pensamento,
 Cabeça ao alto aguda, corpo estreito,
 Affeminada a voz, menos suave,
 Que branda soa, e logo grossa, e grave.

CXII.

A tudo a morte, e grande horror cobriaõ,
 Vêse de corpos todo o campo cheyo,
 Debaixo estaõ feridos, que gemiaõ
 Affogados de sangue seu, e alheyo:
 Confusamente alli se revolviaõ
 Mortos, e vivos neste horrendo, e feyo
 Espectaculo, e quanto alli se achava
 Em desiguaes fortunas se igualava.

Aperta

CXIII.

Aperta o ferro Ulysses, e seguia
 O inimigo, que foge a medrentado,
 Gorgoris por deter os seus porfia,
 Delles temido mal, mal escutado:
 Por entre ferro, e ferro estrada abria,
 Que sempre o medo foy desenfreado,
 Este mais que o inimigo os affugenta,
 Que tudo faz mayor, tudo accrescenta.

CXIV.

Huns sem ordem fugindo, outros instando,
 Donde hum pé se levanta, outro se imprime,
 Vaõ os mortos aos vivos atalhando,
 E o que morto cahio ao vivo opprime:
 A espada, e braço todo Ulysses dando
 A Peneo, (que com graõ destreza esgrime)
 O fez cahir entre mortaes assombros,
 Inclinando a cabeça sobre os hombros.

CXV.

Era formoso ainda enfanguentado,
 Na triste, e maltratada formosura,
 E no pállido rosto, e desmayado
 Mostrava da alma a nobre sepultura:
 Qual branco lirio, que cortou o arado,
 Inclinava a cerviz na terra dura,
 Que a cor, e graça (posto que sem vida)
 Naõ era de seu rosto despedida.

CXVI.

Aos seus Gorgoris diz: Fieis amigos,
 Vós, que os furores sustentar podéstes
 De outros mais fortes, e asperos inimigos,
 Este brio, e valor onde o perdestes?
 Vós, que as mortes tragando, e os perigos
 Em marmores eternos escrevestes
 O nome Lusitano, que hoje dura,
 Quereis fazer tão clara fama escura?

CXVII.

Vay a morte seguindo o que he medroso,
 Sempre o ousado goza alegre forte,
 A gloria está no caso perigoso,
 Nada acha muito o coração, que he forte:
 Entre o furor da guerra temeroso
 Me deixais só, sabey, que honrada morte
 Eternamente dura, e permanece,
 Que quem a morte teme, esse a merece.

CXVIII.

Naõ pára a multidão defenfreada,
 E Gorgoris ousado está diante,
 No coração, nos membros, e na espada
 Temeroso, nas forças arrogante:
 Trazendo-a dos que fogem ensanguentada,
 A que co' ferro, e rigido semblante
 Ameaça, detem, increpa, e chama,
 Sem o freyo os deter da honrosa fama.

CXIX.

Cerrase a noite, e ás cousas vay roubando
 A cor, com que a victoria se atalhava,
 E entre a sombra da noite escura errando,
 Cegas mortes o ferro incerto dava:
 Por ultimo este dia imaginando
 Da guerra, o grande Ulysses pelejava,
 E sem falta aqui fora o fim da guerra,
 Se a sombra não cobrira o ar, e a terra.

CXX.

Foy o fim da batalha o fim do dia,
 E descontente Gorgoris se parte,
 Os successos na mente revolvía
 Do fado iniquo, e do contrario Marte:
 Dos instrumentos bellicos se ouvia
 O som guerreiro n'huma, e n'outra parte,
 Triunfaõ os vencedores, huns curavaõ
 Feridos, e outros mortos sepultavaõ.

CXXI.

Estaõ os verdes campos povoados
 De troncos de homens mortos, e feridos,
 Sobre seu proprio sangue reclinados,
 Pelas roxas áreas estendidos:
 Mesas funestas, onde os esfaimados
 Lobos com tristes vozes, e bramidos
 Descem de noite da fragosa serra
 As reliquias gastar da dura guerra.

Davaõ

CXXII.

Davaõ novas do Sol, que já nascera,
 Estendidas as sedas matutinas
 Nas janellas do Ceo, e a quarta esfera
 Corrida tinha as lucidas cortinas:
 A destoucada noite não espera
 O resplendor das luzes peregrinas,
 De altos montes cahindo arrebatada,
 Mede os ares com planta congelada.

CXXIII.

O Grego com Phylarco estava vendo
 Como já ao campo Gorgoris sahia,
 Sobre a cabeça a todos excedendo
 Da Lusitana gente, que o seguia:
 Das tubas se ouve o som de Marte horrendo
 Nos montes, onde o echo o repetia,
 Fere os peitos luzidos, e galhardos
 O Sol metido entre nublados pardos.

CXXIV.

Vinhaõse pondo em ordem de peleja,
 E Ulysses a Phylarco perguntava:
 Quem são os Capitaens; porque deseja
 Saber que gente Gorgoris levava:
 E porque melhor tudo note, e veja,
 D'num lugar eminente os contemplava,
 Elle, que os conhecia, e partes donde
 São naturaes, ao Grego assim responde:

CXXV.

O que diante está grave, e severo,
 Que d'ouro, e verde traz custoso arreo
 Batendo as cilhas do ginete Ibero,
 Que pratea de escuma o aureo freo,
 He Gorgoris na armas Marte fero,
 Que ao lado esquerdo leva o grande Antheo
 De Gerabria senhor, cuja armadura
 He de hum dragaõ a pelle forte, e dura.

CXXVI.

Esta herdou de Tyfeo, que de materno
 Sangue tem por avô, quando os gigantes
 Pertendendo escalar o Ceo superno,
 Poem sobre montes montes arrogantes:
 Onde a Lua, e o Sol, que desse eterno
 Globo saõ puras almas rutilantes,
 Do medo de seus braços perturbados
 Perderãõ curso, e luz, como infiadados

CXXVII.

De espessa barba, hirsuta, negra, e feya
 Tem o rosto té o olhos povoado,
 A testa estreita, de cabellos cheya,
 E dos olhos o lume atraveslado,
 De monstruoso corpo, a quem affeya
 O ventre prodigioso, e carregado,
 A todos no valor vencer deseja,
 Que em fogos arde de gloriosa inveja.

O ou-

CXXVIII.

O outro, que atraz delle vay brandindo
 A grossa lança, he Mincio valeroso,
 Senhor do grande Arcio, que encobrimdo
 Nas armas vay o coração fogoso:
 Este no monte hum javali bramindo
 Tomou nos duros braços, e o formoso
 Sol fez olhar a desmedida fera,
 Que nunca a ver o Sol a testa erguera.

CXXIX.

De huma panthera a pelle traz famosa,
 Da qual os peitos arma, e traz luzida
 Celada, de que a boca portentosa
 Campea de alvos dentes guarneçada:
 E huma, e outra orelha prodigiosa
 Como pluma no ar se vê subida,
 Hum arco de elefante traz brunido,
 Esforçado nas armas, e temido.

CXXX.

Aquelloutro, que vês bravo, e seguro
 Atravessar no carro refulgente,
 Açoutando co' a pluma azul o puro
 Ar, que a vay meneando brandamente,
 He Celio, a que obedece o forte muro
 De Nabancia, nas forças excellente,
 Galhardo, e aprazível, que por arte
 Adonis he na paz, na guerra Marte.

CXXXI.

O da casaca azul he o poderoso
 Polimio, que traz gente costumada
 A' dura guerra lá do Minio undoso,
 De grossas lanças fortemente armada:
 O do bastaõ he Alcino, do nervoso
 Arco tirando a dura setta hervada,
 De Pineto senhor, que traz a gente,
 Que ao Limia bebe a liquida corrente.

CXXXII.

Este na affronta ardendo em fogo, e ira
 He prodigio fatal da natureza,
 Quando a espada pezada em roda gira,
 No corpo monstruoso, e na fereza:
 Saõ fogo os olhos, fumo o que respira,
 Parece a espada, em puro fogo aceza,
 Hum açoute do Ceo, na agilidade
 Rio inundante, ou fera tempestade.

CXXXIII.

O que vês de armas verdes, he Leutaro
 Capitaõ mui valente, dos amenos
 Campos do Rio Nebis fresco, e claro
 Conduz os Numitanos, e Lubenos:
 E o morador do promontorio avaro,
 Que junto ao fresco Avô os verdes fenos
 Co' gado pasce na viçosa terra,
 Gente robusta para a dura guerra.

He

CXXXIV.

He velho, e coração tem bellicoso,
 Que trabalho já mais póde vencello,
 He delgado nos membros, mas nervoso,
 E mal lhe veste a face o raro pello:
 A calva de ornamento mentiroso
 Cobre adoptiva rede de cabello,
 Fingindo idade verde na madura
 Por beneficio da arte, e da pintura.

CXXXV.

O que o neto da escuma debuxado
 Traz no escudo fatal, com que se arrea,
 He dos soldados Glauco acompanhado,
 Que o Dorio velocissimo rodea:
 O que das feras vês estar cercado
 He Valinferno, a quem a pura vea
 Do Mondego obedece, e o jugo sente
 De Rusticana, e Araduea á gente.

CXXXVI.

Este, e Bolaõ por armas conquistaraõ
 As largas prayas do Mondego frio,
 E da Herculea Cidade, que ganharaõ,
 Valinferno escolheu o senhorio:
 A Bolaõ só os campos lhe ficaraõ,
 Que inunda o fresco, e caudaloso rio,
 Temidos qual no Olimpo consagrado
 Temem as estrellas a Orion armado.

O que

CXXXVII.

O que na famosissima quadriga
 Traz de ouro o elmo erguido na vizeira,
 Cujos cavallos fez o destro auriga
 Romper o campo com veloz carreira,
 He Clyto, de alta fama, e casa antiga,
 Que nos montes da Lua a derradeira
 Terra do mundo occupa, este nos braços
 Toma hum leão, que rasga em mil pedaços.

CXXXVIII.

He forte, e corpulento grande, e grosso,
 De membros, e estatura gigantea,
 Huma torre animada, hum graõ colosso,
 Que tudo o que tem perto senhorea:
 No fresco Abril dos verdes annos moço,
 E na testa estupenda lhe campea
 A coroa da planta illustre, e verde,
 Que nem os rayos teme, ou folhas perde.

CXXXIX.

Vês aquelle, que a massa irado esgrime,
 He Geres, junto delle os passos Arga
 Move, a que a dura massa pouco opprime,
 Que a taõ robusto braço he leve carga:
 He sua fama, e seu valor sublime,
 Que junto de Aqua Flavia a grande, e larga
 Montanha occupa, donde bem podera
 Temello por mais fero qualquer fera.

CXLXO

De pastores á funda costumados
 Traz grande copia, com lustroso alardo
 Guiando os robustissimos soldados,
 Hum, e outro sahio bravo, e galhardo:
 Os peitos dos despojos só guardados,
 De hum leaõ, e nas mãos hum forte dardo,
 A coxa, e hombro a nobre espada aggrava,
 E de pelle de tigre a forte aljava.

CXLI.XO

Geres de idade, e de vigor robusto,
 Nas armas, e trabalho calejado,
 Estatura cõmum, de rosto augusto,
 De coração audaz, nunca domado,
 Da cor do rosto juvenil adusto,
 Quadrado corpo, peito relevado,
 Que não se póde achar homem mais duro
 Da plaga Austral ao congelado Arcturo.

CXLII.O

O que solta no ar a pluma leve,
 He o bravo Alcides, cuja força espanta
 Quando a espada, que cinge ao lado breve,
 Os duros elmos abre, a malha, ou anta:
 Huma serpe feroz no berço teve
 Preza com a lactea mão pela garganta,
 E pela semelhança destas lides
 Com razaõ lhe ficou nome de Alcides.

CXLIII.

De Araudes he senhor, e juntamente
 De Capiana as armas traz comigo,
 E do Barbario promontorio a gente,
 Dura para soffrer qualquer perigo:
 Os que habitaõ de Scalibis a corrente,
 Os de Evandria, e Ebura, que ao imigo,
 Qual forte Partho, tiraõ da dobrada
 Frecha fugindo a setta acelerada.

CXLIV.

Traz grande cabelleira, e de ambar chea,
 De aureos aneis todo o cabelo feito,
 De fuzis grossos barbara cadea,
 Que do hombro lhe atravessa o largo peito:
 As orelhas de perolas arrea,
 Move a terror no carregado aspeito,
 Veste luzentes armas, que se preza
 De se armar como de armas de fereza.

CXLV.

Traz gente á dura guerra costumada,
 Que o Sol naõ vio melhor desde o Oriente
 Em quantos cingem generosa espada
 Até o Tauro Scytico eminente:
 Nenhum risco, ou fadiga prolongada
 Recusou nunca a bellicosa gente,
 Todo o duro trabalho estima leve,
 Suores beber sabe, e pizar neve.

Quem

CXLVI.

Quem he aquelle, o Grego perguntava,
 Que o dragaõ pinta no soberbo escudo?
 Acrisio he, Phylarco lhe tornava,
 De corpo giganteo, alto, e membrudo:
 De Lacobriga traz os que na aljava
 Escondem a dura setta, e o dardo agudo
 Vibraõ, traz delle vay Alcimidonte
 Co' a gente, que creou o Herminio monte.

CXLVII.

He, inda que pequeno na postura,
 Arrogante, e nos feitos valeroso,
 Que desmente com as obras a estatura
 No animo valente, e generoso:
 De oslos dobrado, e feya catadura,
 De grandes forças, bravo, e temeroso,
 Nos annos moço, e na ferocidade
 Vence com forte coraçã a idade.

CXLVIII.

Estes, que o seguem, todos de dobrados
 Corpos, a quem temer Marte podera,
 Usaõ na guerra duros paos tostados,
 E as pelles de hum leaõ, ou de panthera:
 Rompem do urso c'os bastões pezados
 No corpo os oslos, e na testa fera,
 Se a caso salteou com força iniqua
 Das abelhas no monte a casa rica.

CXLIX.

Movido de alta inveja o valeroso
 Ulyfles fahe, e em vello o campo treme,
 Da Cidade abre a porta, onde o lustroso
 Metal soa c'o grave pezo, e geme :
 Elle num carro fervido, e famoso
 Com a lança ao hombro, que o inimigo teme,
 Phylarco o acompanha, e juntamente
 A Grega toda, e Lusitana gente.

CL.

N'hum mellado, que de ouro a cor vencia,
 E c'o peito as cadeiras igualava,
 Que airofamente ao passear partia,
 E té ás cilhas os braços levantava :
 A que huma sylva a testa dividia,
 E com mais graça a altiva fronte ornavava,
 Negros a cólla, crines, e topete,
 Trovaõ nos pés, e rayo se arremete.

CLI.

A cabeça Phylarco illustre arrea
 De elmo, que opprime o seu cabello louro,
 Traz no escudo huma serpe horrida, e fea,
 Que nas unhas aperta huma aguia d'ouro :
 Com a gente de Tubuci, e nobre Amea,
 E os de Colipo, que de hum grande touro
 Cingem a pelle, em cujas fundas soaõ
 Pedras, a que daõ azas, com que voaõ.

CLII.

Traz no elmo outra ferpe portentosa ;
 Que as negras azas pelo ar desprega,
 Que a cólla fera enrosca , a venenosa
 Vista , quando sibila , os olhos cega :
 Juntas move tres linguas taõ furiosa,
 Que espanto causa , a quem a vela chega,
 No fero aspeito , e movimento vago
 Mostra ser obra de hum insigne Mago.

CLIII.

Sahe Lisio, que de Jupiter se preza
 Ser claro , e conhecido descendente,
 Da Ninfa Doto , cuja graõ belleza
 Desceo do Olympo a Jupiter potente :
 Entre a gente que o segue Portugueza
 Conduz os que de Cuda a graõ corrente
 Habitaõ , e a provincia Transcudana ,
 E os que descem da ferra Mariana.

CLIV.

Robustos membros tem, no corpulento
 Tronco grande cabeça , a planta breve,
 Da vista hum rayo sahe duro , e violento,
 Qual á sua ira, e seu furor se deve :
 Representa no fero movimento
 A'quilo, quando levantar se atreve
 As ondas , com que pratear costuma
 De Atlante os pés com Africana escuma.

Sahe

CLV.

Sahe Tereo com bandeira, que partida
 De ouro leva hum leão de vista fera,
 Que movida do vento, com subida
 Garra acomete o Sol na propria esfera:
 Elle empunha huma lança desmedida,
 Que hum tronco de huma faya inteiro era,
 O ar na luz das armas se inflãmava,
 Onde o Sol, quando as fere, scintillava,

CLVI.

De Merobriga a forte gente guia,
 Que lanças usãõ largas, e possantes,
 E do grande Maronio, a quem seguia
 Tamaca com suas aguas abundantes:
 No escudo hum grande monte poem, que ardia,
 Botando fóra as chammas crepitantes,
 A que hum rayo feria, os passos move,
 Marte no resplendor, nos rayos Jove.

CLVII.

De armas negras vestido o graõ Broteo
 Dos montes traz consigo a dura gente,
 De grande corpo, monstruoso, e feo,
 De carregada celha, e vista ardente:
 De disformes sinaes o rosto cheo,
 Sinaes certos no rosto de hum valente,
 Temeroso na voz, hirsuto pello,
 Negras, e largas sedas por cabello.

CLVIII.

Ferrea tem a alma, a natural fereza
 Traz de aço puro, e forte guarnecida,
 Com gente, de que fica na aspereza
 Igualada á dos montes, e vencida:
 Estes, como salvagens na bruteza,
 Cada qual huma pelle traz vestida,
 Bastoens bastantes a fazer pedaços
 Hum monte, o pé descalço, e nus os braços.

CLIX.

No campo Ulysses valeroso entrava,
 Formando o esquadrão bravo, e lustroso,
 A Phylarco fortissimo entregava
 Da vanguarda o governo perigoso:
 Dous mil homens de guerra alli plantava
 Escolhidos, Phylarco taõ brioso
 Está, que o mundo acometer podera
 Com a frente do esquadrão soberba, e fera.

CLX.

Logo tres mil o seguem bem armados
 De duras lanças, que Tareo galhardo
 Conduz com mil, que feros paos tostados
 Usaõ por lança, e por agudo dardo:
 Mil com fundas, que aos ventos apressados
 Podem fazer o movimento tardo,
 E no meyo as bandeiras vaõ guardadas
 De mil escudos, e outras mil espadas.

Com

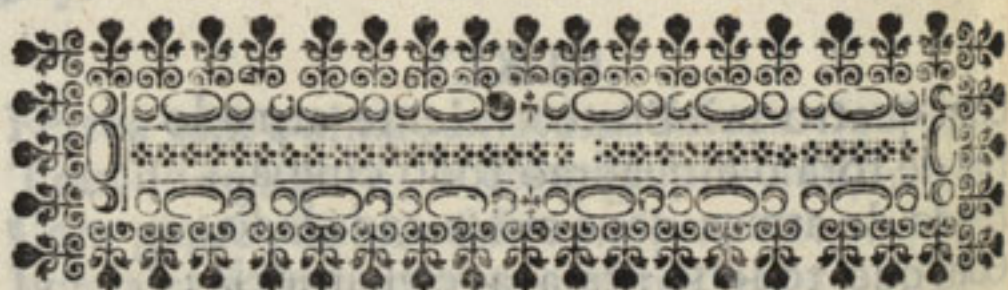
CLXI.

Com quatro mil Broteo valente armado
 Por de fóra o esquadraõ todo cingia,
 Pondo de armas dous mil a cada lado,
 Com que todo se armava, e guarnecia:
 A maõ dextra a Creonte, ao estremo
 Leostenes a opposta obedecia;
 E Ulysses sobre o carro rutilante
 A tudo assiste, a todos vay diante.

CLXII.

Já neste tempo o Sol, que ao mar guiava
 O seu carro de fogo aos horizontes
 De varios arrebois de luz bordava,
 E a noite desce dos ceruleos montes:
 Já o silencio as armas occupava,
 E já do sono as opprimidas fronte
 Na dura terra inclinaõ onde os soldados
 Passaõ em vinho, e sono sepultados.





ARGUMENTO

DO NONO CANTO.

*A O campo sabe armado o bellicoso
 Gorgoris, a quem segue a Lusa gente,
 Rios de sangue fervido, e espumoso
 De frios peitos tira a espada ardente:
 Vendo Ulysses o imigo victorioso,
 Nos muros se recolhe, e juntamente
 Gorgoris quer entrar, a gente crece,
 Com que a guerra nas portas se embravece.*

I.



*A' dos Eos fins a luz suave
 Encuberta, seguindo seu costume,
 Misturandose vay cõ a sombra grave,
 Não vence o lume a sombra, ou sombra o lume;
 Não tem inda voltado a Aurora a chave,
 Mas por detraz do mais remoto cume
 Com a manhã dourada a noite fria
 As ultimas reliquias confundia,*

Logo

II.

Logo os cavallos lucidos bufando
 Sahem das portas do Ceo, e o puro alento
 Em suave rocio transformando,
 Ferem com a luz o ar, com a planta o vento:
 Ao graõ senhor de Delo vem tirando
 No seu carro veloz com passo lento,
 Mostrando sobre as nuvens prateadas
 Do fogo ardente as crines eriçadas.

III.

Já se hia descobrindo o não maduro
 Parto do novo Sol, que vem nascendo,
 Os campos já rompia arado duro,
 Os sulcos com trabalho enriquecendo:
 Dourado estava o horizonte escuro
 Quando o geral silencio interrompendo
 Com rouco brado as trompas, que soavaõ,
 Os animos, e as armas despertavaõ.

IV.

Nuvens de negro pó se levantaraõ,
 Em cujo grave horror o ar se cerra,
 Os tambores horrifonos soaraõ,
 Com que mostra fundirse a mesma terra:
 Os echos pelos montes se dobraraõ,
 Tudo alterava o som da dura guerra,
 Torna seu curso atraz o Tejo inchado,
 Do estrepito das armas perturbado.

Logo

V.

Logo a este primeiro desafio,
 E ao som, que as tubas pelos ares deraõ,
 As Gregas trompas com dobrado brio,
 Aceitando a batalha, responderaõ :
 Aos rostos rouba a cor o medo frio
 Dos que com as maõs nas armas o venceraõ,
 E num, e noutro campo horrenda, e brava,
 Tisifone discordias semeava.

VI.

Ulysses sahe, e resplandece armado,
 Sobe do monte ao levantado cume,
 De hum luz que o cercava rodeado,
 Grande, e augusto fóra do costume :
 Sobre a rosada face dilatado
 Hum natural ardor, e vivo lume
 No grave olhar, a authoridade crece,
 Com que elle mortal cousa naõ parece.

VII.

Bem como prodigiosa estrella aguda,
 Que vem de longe fogo scintillando,
 Com que as coroas, e os imperios muda,
 Pállida luz nos ares espalhando :
 A que com vista do alto attenta, e muda
 O nauta, e o pastor está observando,
 Que no papel do ar cum rayo escreve
 De ruinas fataes historia breve.

VIII.

Affim o Grego sahe, e os estandartes
 Imigos, e o som, que tudo atroa,
 E diffundirse por diversas partes
 Os que vem debellar a alta Lisboa:
 De armas guarnece os novos baluartes,
 Onde a guerra mortifera apregoa,
 E por bulcar o imigo de mais perto,
 Preparase a sahir ao campo aberto.

IX.

Sobre o carro belligero partia,
 Tudo em ordem dispunha, e visitava,
 De honrosa ira os fogos, em que ardia,
 Com natural brandura temperava:
 Animo, e esforço ao timido infundia,
 Que ao valeroso em velo se dobrava,
 A todos com palavras animando,
 Merces, e honras fazendo, abraços dando.

X.

Tomando hum alto, solta a voz famosa,
 Que as bellicosas hostes escutaraõ,
 A huns suave, a outros temerosa,
 Com palavras, que n'alma se formaraõ:
 Naõ trouxeraõ carreira taõ forçosa
 As aguas, que c'o Sol se defataraõ,
 Cahindo do alto monte, donde as teve
 Prezas o inverno nos grilhoens de neve.

Com-

XI.

Companheiros, e amigos, bem se engana
 Quem de vós esperasse outra vangloria,
 Que ser vencido, como da Troyana
 Soberba já alcançastes fama, e gloria:
 Se aqui está toda a força Lusitana,
 Quer Jupiter, que n'uma só victoria
 Com esta pouca valerosa gente
 Ganhemos mil victorias juntamente.

XII.

Naõ vos espante ver como se estende
 Pelas cabeças d'uma, e d'outra serra
 A inculta multidaõ, que mal entende
 O exercicio da sanguinea guerra:
 He gente mal avinda, que depende
 De abrir com arado curvo a dura terra,
 Naõ ha de resistir, porque a defeza
 Nas plantas lhe deixou a natureza.

XIII.

A pouca gente bellicosa experta
 A muita vence mal disciplinada,
 Que esta a ruina tem propinqua, e certa,
 De sua mesma ignavia debellada:
 Varie as sortes a fortuna incerta,
 Que eu com esta a vencer acostumada
 A seu pezar espero ver mui cedo,
 Que primeiro, que o ferro os vença o medo.

O ini-

XIV.

O inimigo, que as hostes ordenando,
 Está já posto em acto de peleja,
 Vós o vereis rogar humilde, e brando,
 Quando este ferro nú diante veja:
 Quando vossas espadas vão cortando
 O elmo, ou de aço, ou de diamante seja,
 Quando o soldado, que seus campos ara,
 Vir que suas insignias desampara.

XV.

Os soldados, que aqui trago comigo,
 Comigo iguaes nos riscos, e na gloria,
 A todos sei a patria, e sangue antigo,
 E n'alma os trago, mais que na memoria:
 Qual setta voa, ou fere ao inimigo
 Espada, sem me ser a mim notoria?
 Que conheço voando, e na ferida
 O arco, que atirou, e o homicida.

XVI.

Com vosco em occasião mais importante
 Cheguei, e vi, e em fim venci chegando
 As forças, e as bandeiras do arrogante
 Marte fui abatendo, e arrastando:
 Como alli fui diante, irei diante,
 Preparando a victoria, e vós pizando
 Os troncos desses fracos lavradores,
 Honrados de vos ter por vencedores.

XVII.

Da viva voz de Ulysses animados
 Facil lhes parecia a dura empreza,
 Terçando as grossas lanças os soldados,
 A encontrarle partiaõ com pestreza:
 Agudas settas de arcos encurvados
 Graõ tempestade excitaõ, vêse aceza
 A peleja nos campos inimigos,
 Correndo para as mortes, e perigos.

XVIII.

Bem como as ondas, que no mar furioso
 Se vaõ com igual pressa succedendo,
 E a azul espalda de Neptuno undoso
 Em altos montes de agua vaõ erguendo,
 Té sahir com ruido impetuoso
 Na praya, que ferida está gemendo,
 E sobre a molle area, ou na mais alta
 Rocha quebrando o mar, aos ares salta.

XIX.

Affim corria á selva das pezadas
 Lanças no campo de armas accupado,
 No ar se topaõ settas arrojadas,
 Dardos abrem voando o ar delgado,
 Os cavallos ligeiros das ferradas
 Unhas a estampa a penas tem deixado
 No verde campo, que com voltas giraõ,
 E fumo, ardendo em colera, respiraõ

XX.

Já d'uma, e d'outra parte nas guerreiras
 Hostes se ouve o rumor, com que discorrem,
 Largaõse freyos, descemse vizeiras,
 Huns contra os outros duramente correm:
 Os cavallos se encontraõ, das primeiras
 Lanças huns cahem feridos, e outros morrem,
 Desapparece o largo campo aberto,
 De nuvens de armas, e de pó cuberto.

XXI.

Tal golpe ha, que o escudo despedassa,
 Tal que a malha fortissima rompia,
 Alli o cavallo já sem dono passa,
 Outro com elle sem vigor cahia:
 Elmo, e cabeça hum mesmo golpe amassa,
 Todo o campo da morte o horror cobria,
 Acendese a peleja, e dura tanto,
 Que excede a que mudou a cor ao Xanto.

XXII.

Logo Antiloco a dura lança enresta
 Contra o forte Trazilo que acomete,
 Falsalhe o escudo, e pela dura testa
 Do agudo ferro grande parte mete:
 Quando huma sombra pállida, e funesta,
 Que das aguas sahio do escuro Lethe,
 Lhe ocupa a vista, e com temor interno
 Cahe semivivo o corpo em sono eterno.

A este

XXIII.

A este Helefanor, hum forte Grego,
 Leva arrastando para despojallo,
 E na vã preza de avarento, e cego
 Naõ vê que Alcino vinha por vingallo:
 Atraveflado cahe no undoso pego
 De fangue, e procurando levantallo,
 Torna a cahir de novo, e assim morrendo,
 A alma irada lança, o chaõ mordendo.

XXIV.

Sobre estes corpos a contenda crece,
 Que huns levavaõ, e outros defendiaõ;
 Creonte chega a tempo, que embravece
 A peleja, que as vozes acendiaõ:
 Contra Leuco, que em velo já estremece,
 Com forças, que as humanas excediaõ,
 A lança com furor bravo arremessa,
 Com que do peito ás costas o atravessa.

XXV.

Cahe o moço gentil com graõ ruido,
 Qual costuma cahir no fresco prado
 Alamo verde, ou platano ferido
 Do duro vento, ou rustico machado:
 Pelo vingar Hipolaco atrevido
 Hum mortal dardo atira, que levado
 A Dareto chegou, que na alta fronte
 De roxo fangue abriu purpurea fonte.

XXVI.

E Gorgoris, que o campo descobria,
 Socorre a tudo, a todos animando,
 A Creonte, e Leostenes juntos via
 Por terra tantas vidas derramando:
 Mal soffre ver que o campo se cobria
 De horror, de sangue, e corpos inundando,
 Bramando geme, e nesta grave affronta
 D'um grande freixo ajunta ao conto a ponta.

XXVII.

Por entre as duras mesles das espadas
 Onzado corre, e c'o inimigo cerra,
 Com tal furor as aguas reprezadas
 Naõ se despenhaõ da impinada ferra:
 O mar, que bate as rochas levantadas,
 Rayo, que as torres igualou com a terra,
 Trovaõ, que no ar bramindo, o mundo assombra
 Fazem de seu furor pequena sombra.

XXVIII.

Tres vezes sobpezou a lança grave,
 Com que a Edipo atira, que voando,
 Representa huma antena, ou grossa trave,
 O escudo forte, e peito atravessando:
 A sombra negra occupa a luz suave,
 Cahe da ferida os membros palpitando,
 Corre de sangue hum espumoso rio,
 Pallida mostra a cor, o alento frio.

XXIX.

Logo outras lanças toma, que arrojava,
 Dando em todas huma morte differente,
 E abraçando o escudo se lançava
 Do grande carro com furor vehemente:
 Encontra Manlio, a quem o rosto ornava
 A lanugem da idade florecente,
 Deolhe c'ò braço a espada, que atrevida
 A tea corta a taõ formosa vida.

XXX.

Na nuca, e lado abrio huma larga estrada
 A Toante, que alli trouxera a sorte,
 Na vista, e peito sahe a forte espada,
 Dous caminhos abrindo á mesma morte:
 A vida de seu tronco já cortada
 Ao mesmo tempo sahe do peito forte,
 Sobre seu sangue cahe, onde espirava,
 E hum ferreo sono a vista lhe occupava.

XXXI.

Correndo o campo todo victorioso,
 A Tirio, que tratava da fugida,
 Pelas costas a espada o temeroso
 Braço fartou de sangue na ferida:
 Está a seu lado o Capitaõ Lanoso,
 Que a massa dura esgrime, e faz temida,
 E a terra tantos corpos occuparaõ,
 Que os vivos pelos mortos caminharãõ.

Qual

XXXII.

Qual lenhador, que a Pirene, ou Pindo
 Alivia dos troncos, que em pedaços
 Na terra estende, o bosque alto ferindo
 Com a dura força dos nervosos braços:
 Onde do morto tronco dividindo
 A robusta alma, atada em verdes laços,
 Ferida soa do alto golpe a terra,
 A que responde a mais remota ferra.

XXXIII.

Affim Gorgoris vay com furia tanta,
 Aceza a vista, a fronte alta, e sublime,
 Taõ prestes corre, que a ligeira planta
 Na terra apenas seu final imprime:
 Soltando a dura voz, que a tudo espanta,
 Como que em nada o Grego campo estime,
 Abre as hostes, dizendo em voz pezada:
 A toda a Grecia basta a minha espada.

XXXIV.

Nezo, que o ouve, fero lhe responde,
 E advertindo as palavras, que dizia,
 Elle as aparta de hum revez, aonde
 Nas fauces as formava a lingua fria:
 A Scilo e espada dentro n'alma esconde,
 A quem o rosto pállido cubria
 Grave horror, onde Gorgoris valente
 Lhe tira a espada, e alma juntamente.

XXXV.

A Japeto c'hum talho a testa fende
 Té os olhos, que do ar ao chaõ cahindo,
 Seu irmão Laufo chega, que o defende,
 Sustentallo nos braços presumindo:
 Já Gorgoris contra elle o braço estende,
 E do piedoso Laufo o peito abrindo,
 Ambos á terra vem, que a mesma sorte
 Irmãos na vida os fez, e iguaes na morte.

XXXVI.

O pay Licón, que os filhos vê feridos,
 Que de hum parto lhe deo a bella Agave,
 Tanto no corpo, e rosto parecidos,
 Que causavaõ aos pays erro suave:
 Vendo o poder dos fados não vencidos,
 Com a dor, que fente n'alma, dura, e grave,
 Ferido geme, e com furor suspira,
 E está suspenço entre o amor, e ira.

XXXVII.

Traz Gorgoris corria insanamente:
 Espera hum fraco velho imigo forte,
 Espera hum vivo morto, impaciente
 Dizia, que te pede a propria morte:
 Se melhor sorte a minha não consente,
 Quero vencer morrendo minha sorte,
 Que a terey por ditosa, e avantajada,
 Tendoa nos fios dessa mesma espada.

A Gor-

XXXVIII.

A Gorgoris chegou, com a espada erguida
 Desce e'hum mortal golpe, elle o recebe
 No forte escudo, e onde a cara vida
 De Licón tem morada, a espada embebe:
 Lança o sangue da boca, e da ferida,
 Que a fria terra por seus poros bebe,
 Cahe o cadaver sobre a molle area,
 Aberta a boca denegrida, e fea.

XXXIX.

Valinferno tambem soberbo esgrime
 Contra o fero Creonte a ferrea massa,
 Que ora as pedras acende, ora sublime
 Se faz temida na soberba prassa:
 O que espera, o que foge, a hum tempo opprime,
 Pizando corpos victorioso passa,
 E qual faminto lobo lhe mostrava,
 Que quanto sangue bebe, o não fartava.

XL.

De conchas Valinferno armado vinha,
 A quem do corpo o ar nas armas crece,
 Que de huma jazerina o peito tinha
 Guardado, e nelle a espaços resplandece:
 De huma pelle de tigre se detinha
 Prezo o talim, que de ouro se guarnece,
 Donde pende o alfange, e levantada
 Na mão trazia a massa carregada.

XLI.

A serpente, e leão, que lhe assistiaõ,
 Correndo o campo vaõ com lentos paços,
 Os que as armas lhe oppoem, ou resistiaõ,
 Com boca, e garra fazem mil pedaços:
 Sobre elle os fortes Gregos concorriaõ,
 Mas o graõ Briareu, que com cem braços,
 E cem espadas juntas pelejara,
 Seu grande esforço apenas igualara.

XLII.

Elle só poem o rosto, elle resiste,
 Da guerra o duro pezo elle sustenta,
 Aos que intentaõ fugir gritando assiste,
 Com que os anima, e forças lhe acrescenta:
 De huns se defende a hum tempo, outros envilte,
 Tem os que fogem, outros aflugenta,
 Mas tantas armas crescem, tanta gente,
 Que o leva a seu pezar a graõ corrente.

XLIII.

Parase Valinferno forte, e quedo,
 E o diluvio detem desenfreado,
 Alguns mandou ao tartaro mais cedo,
 C'os graves golpes do bastaõ pezado:
 A todos entra hum congelado medo,
 Vendo-o destes dous monstros rodeado,
 Bravo, ácezo na vista, e não respira
 Por boca, e olhos, sennaõ fogo, e ira.

XLIV.

Vinha em seu grande carro discorrendo
 Ulysses pelo campo, o estrago via,
 Que o bravo Valinferno vem fazendo,
 A quem ninguem se oppunha, ou resistia :
 A Gorgoris de longe estava vendo,
 Que de mortos hum grande monte erguia,
 Turbado fica, dentro n'alma geme,
 Como ouzado acomete o que mais teme.

XLV.

Bem como a aguia, que do alto esteve
 Vendo a preza entre os matos escondida,
 E nas azas librando o corpo leve,
 Se arremessa veloz sobre a ferida :
 Tal Ulysses que olhando se deteve,
 Onde ferve a batalha mais temida,
 Do alto voa, e com a crua espada
 Se faz por entre as armas larga estrada.

XLVI.

Vay contra Valinferno duro imigo,
 De Creonte animoso acompanhado,
 Leostenes o seguia, que o castigo
 Lhe levava na espada e braço armado :
 Todos se chegaõ, e no comum perigo
 Acometem por hum, por outro lado,
 Elle para mostrar que os não temia,
 Sorrindose ergue a massa, e lhe dizia.

Nes-

XLVII.

Nesta agora verás Grego insolente,
 Abrazador dos muros de Dardania,
 Se cria o brando Tejo forte gente,
 Quando castigue a tua grande insania:
 Nas entranhas terás desta serpente
 Sepulchro na guerreira Lusitania,
 Que a teus atrevimentos excessivos
 Estas feras seraõ sepulchros vivos.

XLVIII.

Cuidavas fraudulento autor de enganos,
 Quando seguro porto aqui tomaste,
 Que achavas Circe, ou miseros Troyanos,
 Que por amor, e armas debellaste:
 Tendo durado a guerra tantos annos,
 Seus muros com enganos arrastaste,
 Sabe que aqui terás mores perigos,
 Que Lusitania he tumba de inimigos.

XLIX.

Ulysses lhe tornou: Saõ escusadas
 Insolentes palavras, basta agora
 Que sejaõ lingua as folhas das espadas,
 E da veloz quadriga salta fóra:
 Leostenes, e Creonte ás indomadas
 Feras (como se a empreza facil fora)
 O escudo, e peito armado offereciaõ,
 A quem todos a hum tempo acometiaõ.

A mor-

L.

A mortal lança Ulysses levantando,
 A Valinferno sacudida parte,
 Onde a pallida morte vay voando,
 A que não pode oppor-se, ou força, ou arte:
 Mas o golpe, e o ferro desviando,
 No ar o torce o valeroso Marte,
 Que a Valinferno ampara, e com este etro
 Huma braça no chão se esconde o ferro.

LI.

Tira Ulysses a espada, que parece
 Hum rayo ardendo, e'o inimigo ferra,
 Elle com hum golpe, e outro irado de
 Todos graves, mortaes, e todos erra:
 E para que ferir melhor podece
 Se chega, e cahe ferindo a dura terra,
 Aonde tal cova abria a massa dura,
 Que juntos dava morte, e sepultura.

LII.

D'hum giro n'outro Ulysses o rodea,
 Golpes acena, e cautamente finge,
 Vence com a propria arte a força alhea,
 Marcial Edipo desta brava esfinge:
 Da dura malha o campo se semea,
 Co suor cresce o sangue, as armas tinge,
 Valinferno se aparta, e com braveza
 Torce cheyo de raiva a vista aceza.

Ulysses

LIII.

Ulysses bravo corre, e vay dobrando
 Os golpes, com que assombra o forte inimigo,
 Que o campo já perdia vacillando,
 Que por ultimo estima este perigo:
 Vaize de ira, e furor nobre abrazando,
 Entra, e nos braços o apertou comfigo,
 Fazendo ambos temerse nos ardentes
 Olhos de fogo, e no rangir dos dentes.

LIV.

Naõ corre com tal furia, e com tal ira
 O valente Austro, e Aquilo valente,
 Quando o mar, quando o Ceo bramindo espira
 Ondas, nuvens, e fogos juntamente:
 Quando nenhum se rende, ou se retira,
 Antes sopraõ com furia mais vehemente,
 Como os dous, que abraçarse caminharãõ,
 Nas forças, e nas armas se toparaõ.

LV.

Neste tempo Creonte do arrogante
 Leaõ, que por ferillo a garra erguia,
 Mais que a fera; elle fero está diante,
 Sem poder enxergarse que a temia:
 Com duro braço desce, e nesse instante
 Ao leaõ como Alcides remettia,
 O escudo, e espada deita, e em fortes laços
 Comfigo o aperta nos nervosos braços.

LVI.

A fera brama irada presumindo
 Sahir dos braços , onde está apertada,
 Os cabellos eriça , a boca abrindo
 Com a voragem das fauces dilatada :
 A colla pelos ares esgrimindo,
 E a garra de ira , e de furor armada
 Sem vigor mostra , e com mortal ruina
 Os duros membros desmayando inclina.

LVII.

Já os ossos lhe tinha quebrantado,
 E entre os laços , onde estava prezo,
 Cahe com o lume dos olhos apagado ,
 Terror do monte em quanto esteve acezo :
 Solta Creonte ao já defanimado
 Tronco com a lingua fóra, inutil pezo,
 Por juntarse a Leostenes , que se sente
 Ferido , e mal tratado da serpente.

LVIII.

Brandia de ouro escalido , e de prata
 A cabeça , no ar o collo erguendo,
 Já se prende, se enrosca , e se defata,
 Fel, e escuma na boca revolvendo :
 O pescoço ora encolhe , ora dilata
 De filvos, e ira todo o campo enchendo,
 E o torpe alento , quando respirava,
 De seu veneno o ar inficionava.

LIX.

Com Leostenes a serpe estava unida,
 Que sibilando vibra a lingua aguda,
 Que tres linguas parece sacudida,
 Com a graõ presteza, que a menea, e muda:
 Na cabeça com a espada a tem ferida,
 E desmayando a serpe torpe, e ruda,
 As roscas vay abrindo, e sem alento
 Privada está de todo o movimento.

LX.

Vendo o remedio Valinferno incerto,
 De Ulysses desatar-se pertendia
 Dos braços, onde o traz em tanto aperto,
 Que já o alento, e animo perdia:
 E vendo que inimigos tem taõ perto,
 Sobre as azas do medo lhe fugia,
 Segue-o o Grego, e em quanto hia correndo,
 Estas palavras altas vay dizendo.

LXI.

Como foges de Ulysses fraudulento,
 Que os muros de Dardania poz por terra,
 Que ordenou o cavallo com intento
 De dar com paz fingida occulta guerra:
 Naõ me davas sepulchro, e fim violento
 N'uma serpente, sem tocarme a terra,
 Pois como naõ me aguardas, se te figo,
 Como temes taõ debil inimigo?

Qual

LXII.

Qual lobo foge do redil guardado ;
 Seus guardadores fervidos temendo,
 Que quando corre, sente ao proprio lado,
 Com furia, e com latidos o ar rompendo:
 Até que a lingua deita de acossado,
 Com que o fangue dos beiços vay lambendo,
 Tal Valinferno foge, e o rosto vira
 A Ulysses, que o seguia ardendo em ira.

LXIII

C'o pezo da armadura se detinha,
 Quer assentar-se por tomar alento,
 Quando vê que atraz delle o Grego vinha,
 Que na presteza iguala ao mesmo vento,
 Como quem só nos pés a vida tinha,
 Que mais ligeiros faz o medo lento,
 Torna a correr, sentindo o espaço breve,
 Que por tomar alento se deteve.

LXIV.

Qual cerva, que acossada vay fugindo,
 E vendo sombra, ou fonte de agua viva,
 Tendo escapado aos caens, que a vão seguindo,
 Goza da fonte fresca, ou sombra estiva:
 Quando outra vez o caçador sentindo,
 Deixa o descanso, e corre fugitiva,
 Sem estimar á vista do perigo
 A calma grave, e o trabalho antigo.

Tal

LXV.

Tal Valinferno voa, onde encontrando
 A Gorgoris, lhe diz: Aos teus soccorre,
 Que Ulyfles tuas hostes devaftando,
 Por todo o campo fem temer discorre:
 A cor ao verde monte vay mudando
 Com fangue, que em diverfas partes corre,
 E Pallas, que a feu lado anda presente,
 Poem em fugida a Lufitana gente.

LXVI.

Gorgoris, a que a nova o peito altera,
 Guiava o carro a hum alto, donde via
 O campo todo, e nelle confidera
 Como de fangue, e mortos fe cobria:
 De longe o elcudo vê, e imagem fera,
 Que da guerreira Pallas parecia,
 A'quella parte corre, onde os que o viaõ
 Com as vozes, e com as armas o feguiãõ.

LXVII.

Qual costuma o belligero ginete,
 Que das prizoens, que teve, defatado,
 Ao campo livre fervido arremete,
 Correndo alegre n'um, e n'outro lado:
 Ao ar eriça as crines, e o topete,
 Sobre fi mefmo o collo levantado,
 Tal Gorgoris valente, desprezando
 O efquadraõ, pelas armas vay entrando.

O cam-

LXVIII.

O campo atravessava em furia ardendo,
 A seguillo se movem os mais guerreiros,
 Por duras armas, e esquadroens rompendo,
 Os ultimos queriaõ ser primeiros:
 Huns derrubando, a outros socorrendo,
 Lhe diz: O' esforçados Cavalleiros,
 Estes, que tem de vós victoria, e palma,
 Tem mais que duas mãos, tem mais q̃ hũa alma?

LXIX.

Pára o forte esquadraõ, sem ir avante,
 Por elle socorrido, e animado,
 Ulysses valeroso está diante
 Entre o furor das armas abrazado:
 E Gorgoris c'os seus mais arrogante
 Para o ferir no meyo o tem tomado,
 De hastes hum bosque, e espadas o cercava,
 E hum chuveiro de setras, que voava.

LXX.

Qual o soberbo touro, que ferido
 Do fogo do cume impaciente
 Terrivelmente brama, e c'õ bramido
 Chama animoso seu rival ausente:
 Prova n'hum tronco os cornos offendido,
 E o vento desafia ouladamente,
 Provoca o imigo erguendo ao ar a terra,
 Por dar principio á porfiada guerra.

LXXI.

Tal affrontado Ulysses, que deseja
 A Gorgoris mostrar o que podia,
 Se preparava em acto de peleja,
 E com as armas nas mãos o cometia:
 Gorgoris deixa o carro, e porque veja,
 Que desigual batalha não queria,
 Da mão soltava a hum tempo o grave loro
 A Lampom, Lamo, Cicere, e Peloro.

LXXII.

Armados traz os membros da pezada
 Loriga, em cima o peito refulgente,
 A testa opprime o elmo, a coxa a espada
 De antigo mestre, e tempera excellente:
 Qual de luz a alta fronte coroada
 Ameaçando no ar cometa ardente,
 Com cabellos de rayos nos declara
 Ruina do mór scetro, ou mór thiara.

LXXIII.

Tal Gorgoris nas armas scintillava,
 Que airoso vay movendo bravo, e forte,
 Na vista, e espada fervida levava
 Medo aos que fogem, aos que esperão morte:
 Com Bolaõ Valinferno o acompanhava,
 E o valente Lanoso, e o graõ Mavorte,
 Que a seu grande furor não he bastante
 A resistir hum peito de diamante.

LXXIV.

Montanha inaccessible, e temida,
 De antiga selva, e monstruosas feras,
 Rio, que cahe da rocha mais erguida,
 Chuveiros negros, tempestades feras:
 Neve nos frios Alpes derretida,
 E fogo, que do Ceo lambe as esferas,
 Não podéra impedir seu forte brasso,
 Nem fizera a seus pés torcer hum passo.

LXXV.

Ulysses dos mais fortes rodeado
 Aos imigos se oppoem quando envestiaõ,
 Escudo a escudo, lança a lança armado,
 Peito a peito n'hum tempo acometiaõ:
 Já de pedaços de armas semeado
 O chaõ se vê, que os golpes dividiaõ,
 E sobre os elmos, que as espadas fendem,
 Soava o ar, que scintillando acendem.

LXXVI.

Na batalha ardentissima, e travada
 Cresce o ardor com a furia da peleja,
 Já de seu sangue a terra está manchada,
 Huns a vingança move, outros a inveja:
 Já esquecidos de ferir com a espada,
 C'os punhos, e c'os poms se peleja,
 Já se topaõ c'os elmos, e membrudos
 Corpos sobre os fortissimos escudos.

Gorgo-

LXXVII.

Gorgoris , que hum graõ monte representa,
 De membros , e estatura bem composto,
 Mete hum , e outro pé , e a espada tenta,
 Que Ulysses livra , e sahe com a ponta ao rosto:
 Ferir sobre a cabeça o imigo intenta,
 E logo o forte escudo em alto posto,
 Por baixo delle o grande corpo estende,
 Com que na perna a Gorgoris offende.

LXXVIII.

Elle se vê ferido , e quando sente
 O dano , por vingarse em vaõ se cança,
 E com vergonha honrosa , e descontente
 Quer com a pressa emendar qualquer tardança:
 Com ferro , e voz responde juntamente:
 Elpera , ó fraudulento , e se abalança,
 E sobre o elmo o fere , onde cortava
 A pluma , que ferida ao ar voava.

LXXIX.

Ulysses , que do golpe recebido
 Em honrosa coragem se acendia,
 Desprezando os reparos atrevido
 Nas inimigas armas se metia :
 E por vingarse leva o braço erguido,
 Com a forte espada , que do ar descia,
 Tal resposta lhe dava , e com tal furia,
 Que bem lhe paga a recebida injuria.

LXXX.

Dobrando os golpes vay com graõ destreza,
 D'hum lado n'outro Gorgoris discorre,
 Acha no escudo já fraca defeza,
 Da ferida em graõ copia o sangue corre:
 Marte, que vê o perigo, com presteza
 A Gorgoris já exanime foccorre,
 E Ulysses, que o conhece, em fogos de ira
 Ardendo perturbado, se retira.

LXXXI.

Logo huma nuvem desce, onde encuberto
 Gorgoris sahe do campo, e não se rende,
 Que da morte cruel, que tinha perto,
 Marte oppondose a Ulysses o defende:
 Elle, que via o engano descuberto,
 Sem o temer, com a espada a Marte attende,
 Com as armas o acomete, a que a guerreira
 Pallas reprende, e diz desta maneira.

LXXXII.

Quando, Ulysses, a Marte te atrevesse,
 Não seria valor, mas furia insana,
 Se ao Ceo com braço humano te oppozesses,
 Não se iguala á divina a força humana:
 Não te basta, que a Gorgoris vencesse?
 Não provoques a furia soberana
 De hum Deos, q̄ he immortal, taõ bravo, e forte
 Que o mesmo Olympo treme de Mavorte.

LXXXIII.

Qual o lobo voraz , que pelo escuro
 Da tormenta ao rebanho vay guardado,
 E nas tetas da mãy balar seguro
 Ouve o manso cordeiro agasalhado:
 Quer entrar os reparos forte , e duro,
 Tendo o redil mil vezes rodeado ,
 E nesta trabalhosa , e vã porfia
 Passa raivando a noite larga , e fria.

LXXXIV.

Tal Ulysses rodea aquella parte,
 Donde com Marte Gorgoris fugira ,
 Torna huma, e outra vez , ao proprio Marte
 A vozes desafia acezo em ira:
 Vociferando , e rebentando parte,
 Chegando a Valinferno , vê , que atira
 C'hum graõ penedo , que nas mãos tomava,
 De que Broteo ferido se prostrava.

LXXXV.

Entaõ lhe diz: O' barbaro atrevido;
 E sem que o elmo temperado monte,
 Da generosa espada cahe ferido,
 Abrindo grande parte da alta fronte:
 Naõ cahe da nuvem o rayo despedido,
 Quando das mãos forjado sahe de Bronte,
 Com tal furor , ficando a forte espada
 Do negro sangue , e cerebro manchada.

LXXXVI.

Entre os olhos lhe voa a sombra escura,
 Por foccorrella alli Bolaõ se chega,
 Contra Ulysses erguendo a massa dura,
 Que de hum golpe o bastaõ, e as maõs lhe cega;
 De huma ponta a finissima armadura,
 E peito lhe abre, e da ferida rega
 O espumoso fangue a terra estranha,
 E o irmaõ, que vivo amou, morto acompanya.

LXXXVII.

Qual álemo abraçado á antiga vide,
 Se o duro ferro hum tronco, e outro corta,
 Obedecendo ao fado, que os divide,
 Cahe c'o verde marido a hum tempo morta;
 Assim Bolaõ, que vio a ultima lide
 De Valinferno, e aberta a fria porta
 Ao negro fangue, que das veas corre
 Das feridas do irmaõ, primeiro morre.

LXXXVIII.

Porque quando a turbada vista erguia,
 Entre as vascas da morte a Valinferno
 Sobre suas armas fanguinosas via
 Cuberto de huma sombra, e sono eterno:
 Mais que o seu fado o do irmaõ sentia,
 Donde a alma indignada ao triste Averno
 Irada desce, tendo o irmaõ defronte,
 Carga pezada ao braço de Cheronte.

LXXXIX.

Em quanto hum campo, e outro pelejava
 Com as fortes armas, de ambos taõ temidas,
 E a fortuna, e esperança igual estava,
 Perdendo tanto sangue, e tantas vidas:
 Eis que huma grande nuvem se chegava,
 Prenhe de rayos, e armas homicidas,
 Grande soccorro, com que Alfeo chegara,
 Que além do Tejo os largos campos ara.

XC.

Estes com novo ardor acometendo
 Aos que de pelear estaõ cansados,
 Nos Gregos graõ destroço hiaõ fazendo,
 Que o campo deixaõ já desordenados:
 E de mortos hum alto monte erguendo,
 De sangue correm rios derivados,
 Quem foge, a vida tem mais arriscada
 Nos pés do amigo, e na inimiga espada.

XCI.

Da batalha suspenfa está a balança,
 Que huns favorece Pallas, e outros Marte,
 Hum mesmo temor frio, huma esperança
 Em todos igualmente se reparte:
 O escudo, o elmo, a malha, o peito, a lança
 Jazem por terra de huma, e d'outra parte,
 Que o perigo he commum, e igual o dano
 No campo Grego, e campo Lusitano.

XCII.

As armas, que já foraõ taõ prezadas,
 Pelo chaõ, como inuteis, e abatidas,
 Perdida a luz, e o lustre, ensanguentadas,
 Ao forte vencedor se vem rendidas:
 As que já foraõ ricas, e douradas,
 Em pedaços se viaõ divididas,
 Tudo o pó cobre, e o sangue, que onde alcança,
 A nada deixa a antiga semelhança,

XCIII.

Bem como quando o caõ celeste ardendo,
 Pondo-se a caso fogo na montanha,
 E o vento, que sibila, arde correndo
 Vulcano abrazador com furia estranha;
 Té os asperos penedos derretendo,
 Sem se poder vencer força tamanha,
 Com grave estrondo soa o monte erguido,
 Em leve fumo, e cinza convertido.

XCIV.

Affim Leutaro vay, a quem seguiaõ
 Geres, Arga, e Lanoso, contrastando
 Os novos muros, onde concorriaõ,
 Tudo o que achaõ diante atropellando:
 De victoriosas vozes o ar enchiaõ,
 Vaõ o campo das armas inundando,
 Viraõ os Gregos as costas, naõ podendo
 Soffrer na vista a luz de Marte horrendo.

Affim

XCV.

Assim correndo do impinado monte
 Suas margens apenas cobre o rio,
 E onde mais longe vay da antiga fonte,
 Vay cobrando mais forças, e mais brio:
 Erguendo os cornos da soberba fronte
 Acomete o ceruleo senhorio,
 Taõ inchado, e temido, e taõ ufano,
 Que elle parece o mar, rio o Oceano.

XCVI.

Ulysses bravo vendo, que crescia
 A corrente das armas, duro, e forte
 Huns anima gritando, outros feria,
 Sem que a pezada voz, e braço importe:
 Larga estrada Lanoso fero abria,
 E com elle Geres, que de Mavorte
 O valor imitava furibundo,
 A quem podéra ajoelhar-se o mundo.

XCVII.

Como resiste o monte á tempestade,
 Que açoutado do mar ergue por cima
 Das ondas a soberba immensidade,
 E as iras de Neptuno em pouco estima:
 Assim Leostenes entre a adversidade
 Das duras armas, sem que o pezo o opprima,
 Abre por ellas porta, e o ar espalha
 Elmo abolado, descofida malha.

XCVIII.

Creonte ao fero Laufo, que atrevido
 Para elle infanamente se arrojava,
 Tem a espada nos peitos escondido,
 Donde sahindo a vida, a morte entrava:
 Na espalda sahe a ponta, que o brunido
 Aço na ardente purpura banhava,
 Cahe com ruido, e com mortal affombro,
 Inclinando a cervís no debil hombro.

XCIX.

A Salio, que a Leostenes se atrevia
 Com descomposta lingua ousadamente,
 Elle com a forte espada respondia,
 Que ir mais avante as vozes não consente:
 Quando para fallar a boca abria,
 C'o ar entrando a ponta juntamente,
 Os caminhos da voz, e vida rompe,
 Onde a vida com as vozes lhe interrompe.

C.

Mataõ, destroçaõ, ferem, e não perdoaõ,
 Os laços desatando a tanta vida,
 Sobre elles lanças chovem, settas voaõ
 Na batalha taõ aspera, e ferida:
 Das feras massas feros golpes soaõ,
 Cede a virtude, vendose opprimida,
 E Ulysses, que as contrarias forças mede,
 A' mayor força, e á fortuna cede.

CI.

Viafe o Grego , e via mal tratadas
 As armas , que já apenas o cubriaõ,
 De fangue feu , e alheyo rociadas,
 Que os golpes do inimigo mal soffriaõ:
 Na Cidade recolhe as espalhadas
 Esquadras , onde os seus melhor podiaõ
 Sobre o reparo de seus muros altos
 Resistir aos duriffimos aflaltos.

CII.

Vendo Lanoso como a gente entrava
 Na Cidade provando o braço duro ,
 Aos seus , que entrem com elles incitava,
 Apertando no pulso o ferro puro :
 Tereo bravo a porta lhe occupava,
 Fazendo de homens vivos vivo muro,
 E procurando entrar , acha diante
 Leostenes , e Creonte , e o fero Atlante.

CIII.

Sahe Anteo de furor nobre abrazado,
 Huns matando com a espada, outros ferindo,
 Mincio o acompanha , e Sergio , que a seu lado
 O chaõ de inuteis troncos vaõ cubrindo:
 A Philarco acomete , que affrontado
 Contra Mincio o estoque facudindo ,
 No lado esquerdo o mortal golpe emprega,
 Que armas , e campo de seu fangue rega.

CIV.

Brama furioso, (e acha taõ leve a carga
 Das armas , que desmente a força humana)
 Qual foe pizada sibilar na larga
 Praya arenosa a vibora Africana,
 Ou leaõ, que cravada vê na ilharga
 A aguda setta , donde a vida mana,
 Rugindo corre , e faz soar diante
 As brenhas do Rifeo , ou fero Atlante.

CV.

Vay sobre Antheo , a que huma , e outra fonte
 No sangue abrio a cortadora espada
 Na perna , e logo na soberba fronte ,
 Que está de ardente purpura banhada :
 Faz dous passos atraz , e onde o monte
 Abre huma cova , cahe sobre a pezada
 Loriga , insta Philarco por vingarse,
 Antes que Antheo podesse levantar-se.

CVI.

Fartou a sede a espada no espumoso
 Sangue , e qual cahindo o grave pinho,
 Ruido excita o corpo portentoso ,
 Desamparando a alma o proprio ninho :
 Sergio as costas virava temeroso ,
 Vendo logo atalhado este caminho ,
 Que pela espalda com mayor affronta,
 Vio nos peitos sahir c'o sangue a ponta.

CVII.

Por outra parte Ulysses defendendo
 A entrada da Cidade, não descança,
 Com a haste a hum lado, e a outro acometendo,
 A todos faz temer seu braço, e lança:
 Apartaõse os que o vem, elle querendo
 Emendar com graõ pressa esta tardança,
 A Leuco fere, e a Polimio forte
 Mete dentro do peito a fria morte.

CVIII.

Chegase a Ulysses logo o forte Atlante,
 Leostenes, e Tereo, Lizio, e Creonte,
 E abraçando o escudo de diamante,
 Cada hum ao inimigo vay, que tem defronte:
 Alpino vibra a espada rutilante,
 Na testa a Lizio fere, que na fronte
 Com a mão ao sangue acode, e diligente
 Lhe pega a mão na testa juntamente.

CIX.

Aos pés de Ulysses cahe qual grande torre,
 Nos braços elle o toma, e em fogos arde,
 Porque via, que nelles Lizio morre,
 Já cuida que a vingança chega tarde:
 Irado contra Alpino Ulysses corre,
 Alto gritando: Esperame, cobarde:
 Com tal furor com elle encontra, e cerra,
 Que do encontro os joelhos poem por terra.

CX.

Mal levantado Alpino da cahida,
 Já do escudo fortissimo cuberto
 Golpes dobrava por deter a vida,
 Que do apressado fim tinha taõ perto:
 Corre Ulysses a espada, que escondida
 Dava em seu peito á morte passo aberto,
 Sahindo delle a alma vacillante
 Em liquido coral, puro, espumante.

CXI.

Cahe o soberbo corpo resupino,
 Banha a vista de morte, indo morrendo
 O inutil tronco do valente Alpino
 Forbas arrasta, as armas recolhendo:
 Fenix, e Clito o escudo de aço fino
 Oppoem, o morto amigo defendendo,
 Porém Ulysses, que em os vendo brada,
 Faz das vozes trovaõ, rayos da espada.

CXII.

Forbas, que ao morto Alpino despojava,
 Em quanto neste officio attento esteve,
 A morte n'huma setta, que voava.
 Lhe espalha a leve vida ao vento leve:
 Vendo Ulysses o amigo, que espirava,
 Com Clito, e Fenix pouco se deteve,
 Que as cabeças de ferro guarnecidas
 Lhes faz cahir nos hombros divididas.

CXIII.

Hum grande carro chega, onde o valente
 Polimio grossas lanças atirando,
 A huma, e outra parte o diligente
 Carro movia, o campo atropellando:
 Espera, lhe dizia, e a espada ardente
 Bebia (a grande sede mitigando)
 O sangue de Filon famoso auriga,
 Que da mão perde as redeas da quadriga.

CXIV.

Cahe, e espanta os cavallos, que temendo
 Tornaõ atraz c'õo carro, que tiravaõ,
 Quebrando as prizoens fortes, e correndo
 Em saltos todo o campo atravessavaõ:
 Polux a Ulysses sahe ao campo ardendo,
 Ambos para ferir se preparavaõ,
 Vindose hum para o outro se toparaõ
 Nas armas, e as espadas levantaraõ.

CXV.

E dandolhe hum revez sobre o reparo
 Lhe rompe o Grego o escudo, e logo a testa,
 No cerebro banhanva o fino, e claro
 Aço da espada fervida, e funesta:
 Foge de o ver o timido Leutarõ,
 Contra quem braço, e espada o Grego apresta,
 Larga o escudo, e parte acelerado,
 Mas ninguem por seus pés foge a seu fado.

Hum

CXVI.

Hum golpe pelas costas com tamanhas
 Forças lhe deo, que abrindo a armadura,
 Se viaõ palpitar dentro as entranhas
 Cahindo morto sobre a terra dura :
 C'hum brado, que abalara altas montanhas,
 Cuberta a vista de huma sombra escura,
 A cabeça no peito, que anhelava,
 Entre as vascas da morte reclinava.

CXVII.

Acodem logo alli Geres, e Arga
 Com Alcides, Acrisio, Alcimodonte,
 A que parece breve a massa larga,
 Que cada golpe seu partira hum monte :
 Sente das almas nova, e grande carga
 Em seu barco o tristissimo Cheronte,
 Que nos dous campos Marte á vencedora
 Morte de tantas vidas fez senhora.

CXVIII.

Gorgoris entre tanto valeroso
 Duas lanças fortissimas brandindo,
 Se faz temer, seguindo-o vay Lanoso
 De homens a terra exanimes cobrindo,
 No ondado cabello, que ao formoso
 Lucilo té os hombros encobrindo
 Decoramente desce, a ensanguentada
 Maõ esquerda revolve, erguendo a espada.

Do

CXIX.

Do alto desce o golpe, que defata
 A bella alma, ficando defunida
 Da testa o ouro, do alvo collo a prata,
 Na cabeça dos hombros dividida:
 Era de Amintas filho, a quem a ingrata
 Parca cortou do mesmo golpe a vida,
 Estimado de todos geralmente,
 Que era do rio Minio descendente.

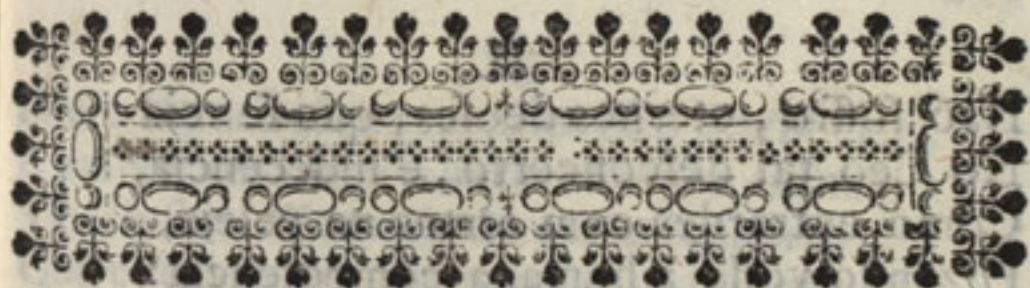
CXX.

Aqui com nova força, e novo brio
 Correr se via n'huma, e n'outra fonte
 A purpura, que junta fórma hum rio,
 E erguer de mortos sobre a porta hum monte:
 Maronio bravo ao novo delafio
 De dentro sahe, sobre a arrugada fronte
 Mertilo fere, a que a pezada massa
 Nas armas até os ossos despedassa.

CXXI.

Aqui provas estranhas de seu braço
 Faz o bravo Leostenes, que investindo
 O inimigo, se aparta hum largo espaço,
 Por entre as armas graõ caminho abrindo:
 Aqui Philarco em vagaroso paço,
 Indose retirando, e resistindo,
 Os seus recolhe, que comfigo encerra,
 E a pezar do inimigo as portas ferra.

ARGU-



ARGUMENTO

DO DECIMO CANTO.

R Eprende Jove aos deoses, e querendo
 Ver a batalha, desce ao monte *Almata*,
 As esquadras do monte estava vendo
 Que o Tejo cerca com lasciva prata:
 Gorgoris com Ulysses combatendo,
 O Grego vence, e de partir se trata,
 A Pallas tendo o templo edificado,
 Entrega a vella, e o pinho ao mar salgado.

I.

N A parte mais sublime, e levantada
 Do estellifero Olympo omnipotente,
 De assentos de crystal, e de ouro ornada,
 Falla: c'os deoses Jupiter potente:
 Com grande aspeito, e fronte carregada
 Enojado os reprende asperamente,
 Todos escutaõ, e elle o que sentia,
 (Tremendo o Ceo de ouvillo) lhe dizia.

Naõ

II.

Naõ soffro , eternos deoses , que se veja
 No Ceo tal delconcerto , e indecencia,
 Como entrardes com armas na peleja,
 Fazendo vossa a humana competencia:
 Deixay a emulaçaõ , e a baixa inveja,
 Nos Ceos exercitay vossa potencia,
 Ser forte hum Deos com homens he fraqueza,
 Indigna acçaõ de altiva fortaleza.

III.

Esta ordem no Olympto se publique,
 E quando alguns dos deoses soberanos
 A quebrar , do alto Ceo privado fique
 Com pena eterna por eternos annos:
 Que porque aos deoses mais naõ cõmunique,
 Do baratro abrazado os graves danos
 Farey que sinta para ser neste erro
 Exemplo o desterrado , e o desterro.

IV.

Ouvenno os deoses , e nenhum responde,
 Levantase ; e do Olympto consagrado
 Na dourada carroça sahe, por onde
 Das rodas d'ouro estava o Ceo trilhado:
 Botaõ fogo os cavallos , e se esconde
 Entre as nuvens o carro arrebatado ,
 Até a fronte ferir do monte Almata,
 Que do Tejo rodea a crespa prata.

IV.

Entre hum bosque no alto está encuberto,
 E ambos os campos ante os olhos tinha,
 Vê Ulysses discorrer de armas cuberto,
 Que entre os seus animando-os se detinha:
 Vê Gorgoris, que armado em campo aberto
 Entre as esquadras Lusitanas vinha,
 N'hum campo, e n'outro os olhos apascenta,
 Que alegre, e fera vista representa.

VI.

Já a noite escura, que confusamente
 Nos bosques, e nos montes, que occupava
 A fera, e ave livre, e docemente
 Na cova, e brando ninho agasalhava,
 Fugindo vem do Sol, que do Oriente
 Lanças de ardente luz arremessava,
 E entre os bosquejos das suaves cores
 Vem nascendo os primeiros resplandores;

VII.

Com mayor luz a Aurora o luminoso
 Oriente com justo passo abria,
 E o Sol claro mais puro, e mais formoso
 Do que nunca nascera entãõ sahia:
 Rasgando a noite o manto tenebroso,
 Com nova luz os arez acendia,
 Que por Jupiter ver esta peleja,
 Novos rayos vestir o Sol deseja.

VIII.

Os estendidos campos vão cubrindo
 Os esquadroens belligeros armados,
 Embracção escudos, lanças vão brandindo,
 Scintillaõ puros ferros amolados:
 Huns hiaõ feras massas esgrimindo,
 Outros dos bravos arcos encurvados
 Settas despedem, e c'o rumor da gente
 Se rompe o Ceo, e abysslo juntamente.

IX.

Anima a fera tuba o grave alento,
 Cuias vozes horrifonas soaraõ,
 E sobre as pennas do ligeiro vento
 Nas escuras cavernas se dobraraõ:
 Arma, arma repetia o som violento,
 Arma, arma logo os esquadroens gritaraõ,
 Discordia semeava em toda a parte
 A fera Previcacia irmã de Marte.

X.

Já com as infestas armas pelejando,
 A lança á lança oppoem, o peito ao peito,
 Sobre as forças os animos provando,
 Que aos olhos fazem bello, e duro objeito:
 A hum a lança voa atravessando,
 Outro c'o escudo em muitas partes feito
 Naõ muda hum passo, e para o imigo corre,
 Sobre seu sangue, e sobre as armas morre.

XI.

Affim de ambas as partes igualmente,
 Sem o ardor declinar, se pelejava,
 Depois que a Aurora abrira o Oriente,
 E o claro Sol de seu zenit olhava:
 E Juno, que do Grego os males sente,
 Vendo que o chaõ de corpos inundava,
 Porque não passe o dano mais avante,
 Determina fallar ao graõ Tonante.

XII.

Gorgoris vê de novo foccorrido,
 Via as mortes, que daõ Geres, e Arga,
 O chaõ de tantas armas opprimido,
 Chea de mortos a campanha larga:
 Desce do Ceo no carro esclarecido,
 Que aos seus pavoens era ligeira a carga,
 Para ir ver o marido, e por movello
 Compoem o bello rosto, e corpo bello.

XIII.

E no retrete mais secreto entrando,
 Sobre o quicio gemia o pezo grave:
 Das portas de ouro, e de marfim voltando
 A crystallina maõ com aurea chave,
 Onde a formosa deosa entra, e cerrando
 O aposento, de hum oleo mais suave,
 Tetyameno, odorifero, e divino,
 Unge o cabello, e o corpo peregrino.

XIV.

Já pelas ondas de ouro do cabello
 Sulcava o barco de marfim brunido,
 Diante quem sem cor fica amarello
 O ouro de enfiado, e de corrido :
 Hum delgado sendal, que o corpo bello
 Por mais belleza esconde, traz vestido,
 Que de hum grande carbunculo pendia,
 De que o cothurno só fóra sahia.

XV.

Das lagrimas da Aurora o congelado
 Orvalho a Juno dá graça infinita,
 E postas a descuido no toucado
 Outras pedras, que o Sol cada huma imita!
 De prata hum véo por cima poz delgado
 De belleza taõ rara, e exquisita,
 Que no ar do pasleyo, e graça pura
 Faz de novo formosa a formolura.

XVI.

De parte a Venus falla, e amorosa
 Lhe diz: Agora, ó Acidalia, espero,
 Que ainda que contra mim te vejo irosa,
 Has de fazer o que pedirte quero :
 O' Hera, torna Venus, taõ formosa
 Mulher, e irmã de Jupiter severo,
 Todo o mandado teu sendo mais grave
 Me será além do gosto ley suave.

XVII.

Torna Juno com animo enganoso:
 Emprestate, formosa, e doce amiga,
 Aquelle ardor, que acendes, amoroso,
 Que os proprios deoses a quererse obriga,
 Que Thetis, e o Oceano famoso
 Quero tornar á sua paz antiga,
 Acabando o divorcio prolongado,
 Que tanto tempo entre elles tem durado.

XVIII.

Devolhe grande amor, porque expellido
 Das estrellas Saturno furibundo,
 Da undosa Thetis o humido marido,
 Nas ondas me creou do mar profundo,
 Se esse divorcio duro, e taõ comprido
 Vir acabar por tua industria o mundo,
 Restituindo os dous á graça antiga,
 Obrigada te fico além de amiga.

XIX.

Contra o respeito, e obrigaçãõ feria,
 He torna Venus, se isto te negara,
 Que gozando de Amon a companhia,
 Dormes nos braços seus esposa cara:
 Desfata entãõ a cinta, onde trazia
 Prezos por obra petegrina, e rara
 Desejos, veneficios, e os ardores,
 Lenocinios, e blandicias, e os amores.

Dalhe

XX.

Dalhe o Ceston, dizendo: Aqui escondido
 Está o poder mayor, de que me arreyo,
 As forças invenciveis de Cupido,
 Que Juno guarda no divino seyo:
 Delce logo do Olympo esclarecido,
 Os ares fende, e sobre Almata veyo,
 Monte, que igual ás nuvens se levanta,
 Dando a beijar ao Tejo a nobre planta.

XXI.

Do monte vay tomando huma subida
 Entre o bosque, que impede o Sol ardente,
 Fazendo d'agua espelho, que impellida
 Alli humilhava a tumida corrente:
 Como o marido a vê, huma escondida
 Flamma atear pelas medulas sente,
 A causa lhe pergunta, porque vinha
 Do alto Olympo á terra, onde caminha.

XXII.

A quem Juno responde com engano:
 Delci por visitar a ultima terra,
 Aonde mora Thetis, e o Oceano
 Pay dos deoses, que o grande Olympo encerra:
 Soube que estavas, Jove soberano,
 Logrando os brandos ares desta ferra,
 Venho a pedir licença confiada,
 Que permittas, que faça esta jornada.

XXIII.

Como a darey, replica o graõ Tonante,
 (E isto dizendo, a casta Juno abraça)
 Se arder me sinto, como tento amante
 No fogo, que me acende a tua graça?
 Nunca a setta de amor taõ penetrante
 Senti, qual esta o peito me traspça,
 Nem quando o mar fulquey mudado em touro;
 Ou me fiz chuva, e brando orvalho de ouro.

XXIV.

Nem de Agenor a filha soberana,
 Que Minos me creou, e Radamanto,
 Nem Alcmena, nem Sebeles Thcbana,
 Nem Leda, ou Ceres me abrazaraõ tanto:
 Nem Antyopa bella, e mais que humana,
 Nem Calisto, de sua idade espanto,
 Nem de ti finalmente, que já outra hora
 Gozey, me vi taõ prezo, como agora.

XXV.

Nos ares huma nuvem se dilata,
 Que a vista ao claro Sol está impedindo,
 Crescendo engrossa em circulos de prata,
 Cheiro pelo ar suave despedindo:
 Logo em puros chuveiros se desfata,
 Que em gotas suavissimas cahindo,
 Deixa as hervas, e plantas levantadas,
 De molle ambar, e ambrosia rociadas,

E por

XXVI.

E porque a bella Juno agora via
 Lugar, e hora a tudo accommodada,
 Para alcançar de Jove o que queria
 Lhe falla mais mimosa, e confiada:
 Por esta nossa alegre companhia
 Se de mim cousa alguma hoje te agrada,
 Huma quero pedirte, e tudo espero,
 Se igualas o que podes c'o que quero.

XXVII.

Vejo Ulysses, senhor, andar vagando
 Por mares nunca de outrem navegados,
 Do Egeo nas ondas, e Oceano errando,
 Vencendo o vento, e mares empolados:
 Agora pelo doce Tejo entrando,
 Tem com a Cidade os muros levantados,
 Padecendo trabalhos infinitos,
 Que em papel devem ser de bronze escritos.

XXVIII.

Gorgoris com prolixa, e dura guerra
 O tem cercado, e com mortal estrago,
 O valle humilde, e levantada ferra
 Se vem feitos de sangue hum negro lago:
 Negalhe o fado o mar, negalhe a terra,
 E eu, que os meus Gregos nestes olhos trago,
 Com as lagrimas, que em vaõ delles derramo,
 Mostro o pouco, que posso, o muito, que amo.

Ven:

XXIX.

Venceo os climas varios desta esfera;
 Os casos da fortuna, a natureza,
 Que de tanta importancia aos fados era
 Fundar a altiva gente Portugueza:
 E quando erguer a graõ Lisboa espera,
 Das Cidades de Europa alta Princeza,
 Por mar, que nunca de outrem foy cortado;
 D'hum clima n'outro vay, d'hum n'outro fado.

XXX.

Peçote agora, se contigo valho,
 Que se acabe taõ aspera peleja,
 Tantas mortes crueis, tanto trabalho,
 A males taõ sem fim seu fim se veja:
 He bem que dês a tudo honesto atalho,
 E por ti defendido Ulysses seja:
 Movate, grande Anxuro, ao que te peço,
 Que o merece a razaõ, se o naõ mereço.

XXXI.

Isto dizendo, com suave affronta
 Com a maõ cobria a vista magoada,
 Nadando em agua, que a fahir aponta
 Para seu rogo achar facil entrada:
 Quem naõ fará de taes extremos conta?
 Lhe diz, tendo-a nos braços apertada,
 Que huma lagrima tua a alma me rende,
 Que saõ faiscas, com que amor me açende.

Para

XXXII.

Para que possa verte hoje contente,
 Cesse a contenda taõ ferida, e brava,
 Vejamos o que o fado nos consente,
 E o que por elle decretado estava:
 Logo toma na maõ omnipotente
 Huma aurea balança, onde pezava
 De ambos a vida, e fado assim reparte
 Igual o pezo n'humã, e n'outra parte.

XXXIII.

Na maõ se vê a balança levantada,
 Onde os fados, e as mortes suspendia,
 De Gorgoris a forte mais pezada
 (Subindo a outra ao alto) ao chaõ descia:
 Vendo alli sua morte declarada,
 Toa hum trovaõ no Ceo, donde sahia
 Sobre o estendido campo hum grande rayo,
 Que aos Lusitanos deo mortal desmayo.

XXXIV.

Os cavallos dos rayos offendidos,
 Amedrontados para traz corraõ,
 Arga, e Geres da grave luz feridos,
 Já com as armas os olhos suspenderaõ:
 De pavor atalhados, e impedidos
 Os soldados com a vista naõ poderaõ
 Soffrer a luz medonha, que mostrava
 O Ceo, que sobre os campos fuzilava.

XXXV.

Tremem todos do caso inopinado,
 Eriçase o cabelo ao mais valente,
 O coração tremendo bate o lado,
 E os extremos occupa o frio urgente:
 Foge do rosto a cor, e o congelado
 Sangue se faz de neve, sendo ardente,
 Todos perdem valor, todos o brio,
 A que segue hum suor mortal, e frio.

XXXVI.

Juno alegre os joelhos poem por terra,
 Do marido o favor alto agradece,
 Hoje, diz elle, a prolongada guerra
 Em tuas bellas mãos, deosa, fenece:
 Cresça a nova Lisboa, em quem se encerra
 A esperança do Ceo, que nella cresce:
 Deixaõ do monte o cume levantado,
 Que o nome antigo em pouco tem mudado.

XXXVII.

No graõ carro de Jupiter subiaõ,
 Que do senhor o grave pezo sente,
 Do Olympo se abre a porta, onde se viaõ
 As horas assistir perpetuamente:
 Na grande sala entrando, onde luziaõ,
 Varios assentos, Jupiter potente
 No mais alto lugar do Ceo subia,
 Que com seu grande pezo estremecia.

Estan-

XXXVIII.

Estando os Lusitanos temerosos,
 Na apertada Cidade recolhidos,
 Alli os Gregos instavaõ victoriosos
 Com rebates, com gritos, e alaridos:
 Ulysses chega ao muro, e dos nervosos
 Braços os fortes dardos despedidos,
 Por cima voaõ dos guardados muros,
 Aonde elles se tem por mal seguros.

XXXIX.

A Gorgoris Ulysses desafia,
 Que a singular batalha a campo faya,
 Ou corpo a corpo, ou traga companhia,
 Qual na eleição, ou qual, na sorte caya:
 Elle aceitava, e já se apercebia,
 Por lança empunha o tronco de huma faya,
 Lanoso de armas fortes se guarnece,
 Com elle ao risco, e morte se offerece.

XLXX.

Pallas, que assiste a Ulysses soberano,
 Para que armas fortissimas levasse,
 Ao centro desce, e alcança de Vulcano,
 Que o elmo, peito, e escudo lhe forjasse:
 Onde do novo Imperio Lusitano
 O nascimento illustre declarasse,
 Dando com muda, e eloquente historia
 Breves sinaes da Portugueza gloria.

XLI.

Obedecendo a seu divino rogo,
 Vulcano a obra ordena, e na abrazada
 Officina desperta as chammas logo,
 E os valentes Cyclopes chama, e brada:
 A massa, com a tenaz volve no fogo,
 A mão já do martello calejada,
 Ferruginea he a cor, rosto tostado,
 De sulcos profundissimos lavrado.

XLII.

Já Brontes, e Pyragmon revolviaõ
 Huma grande bigorna, que diante
 Assentaõ, e sobre ella se estendiaõ
 As veas de ouro fino, e de diamante:
 As cavernas altissimas mugiaõ,
 Ao som de hum golpe, e d'outro penetrante;
 Elle os metaes no fogo intenso acende,
 Que na bigorna em laminas estende.

XLIII.

Com graõ furor os braços levantados
 Na incude sonora hiaõ batendo,
 Que em horrenda harmonia concertados
 Vaõ huns golpes a outros succedendo:
 Das faiscas os ares abrazados
 Em roda estavaõ, ao metal ardendo
 No caos do fogo, onde se inflammava,
 Éspritos infundia, e fórmias dava.

XLIV.

Pallas a vista estava apascentando
 Nas obras do alto tecto penduradas,
 Nos peitos, que Vulcano hia lavrando,
 Armas a heroes divinos fabricadas:
 Humas pullindo vay, outras forjando,
 N'outra parte com azas inflammadas
 Os rayos via, com que o soberano
 Jove abrazara os filhos de Tytano.

XLV.

Via da bella Cynthia o dardo agudo,
 Do bravo Alcides o basteão pezado,
 De Perseo o elmo, e rutilante escudo,
 De venenosas serpes coroado:
 A fouce de Saturno aspero, e rudo,
 Da verde Ceres o fecundo arado,
 De Neptuno, e Plutaõ via pendente
 Junto ao Tridente azul ferreo bidente.

XLVI.

De ouro, e de bronze as trompas eminentes,
 Com que em remotos mares, e Cidades
 A fama sobre as azas diligentes
 Ora incertezas leva, ora verdades:
 Os grilhoens, e fortissimas correntes,
 Onde Eolo prende as feras tempestades,
 E n'outra parte pendurada estava
 Do amor, e morte a ardente, e fria aljava.

XLVII.

Forja Vulcano as armas, e com ellas
 O fortissimo escudo, onde se viaõ
 De ouro varias figuras, que de vellas
 Cegava a clara luz, que despediaõ:
 O elmo, a gola, os braçaes, as escarcellas
 Entre si nos labores respondiaõ,
 E o que nellas de Lemno o fabro imprime,
 Com alma viva o metal mudo exprime.

XLVIII.

No mais alto do escudo torreada
 Lisboa estava, aos seculos futuros
 Dando leys, sobre as margens assentada
 Do Tejo, que a rodeya em crystaes puros:
 Onde na vea clara, e socegada
 Fôrma immortal traslado de seus muros,
 E em cujos campos pasce o verde feno
 O cavallo do perfido Agareno.

XLIX.

Logo estava em figuras relevadas
 O grande Affonso, em quem o Ceo encerra
 O valor grande, as forças estremadas,
 Com que prolegue a sanguinosa guerra:
 Que com fortes esquadras ordenadas
 Vem conquistar a Lusitana terra,
 Dando por preço o sangue, que derrama
 Para estender a vida pela fama.

L.

Vestido o arnez dourado, e rutilante,
 Só o formoso rosto desfarmado,
 Aprazivel, e grave no semblante
 As suas hostes animava armado:
 Ao muro punha escadas, e diante
 De todos com esforço não domado
 Subia a ver o Mouro, que o recebe
 C'o alfange nú, que tanto sangue bebe.

LI.

Noutra parte c'o ariete tentavaõ
 As fortes portas, noutra victoriosos
 Pelas torres bandeiras arvoravaõ
 Por trofeos de victoria gloriosos:
 N'outra do muro abaixo despenhavaõ
 Os que tentaõ subir mais animosos,
 E as figuras, que o escudo guarneciaõ,
 Parece que fallavaõ, e que sentiaõ.

LII.

Via-se o grande Affonso, que cingia
 De louro a testa, e entre seus soldados
 Da batalha os despojos repartia,
 Com seu sangue adquiridos, e comprados:
 Justas leys dava aos povos, que regia,
 Com temor não, mas com amor domados,
 Que são as leys o mayor bem da terra,
 Armando a branda paz, ornando a guerra.

LIII.

Via-se n'outra parte debuxada
 Com singular affecto da escultura
 Afrontando a Lisboa a grande armada,
 Prenhe de armas, de fogo, e guerra dura:
 Aonde os muros seus com maõ armada
 A Castelhana gente entrar procura,
 E Dom Nuno Alvares só forte, e constante
 Resiste a tudo, a tudo está diante.

LIV.

Entre muitos vibrava a generosa
 Espada, onde cortava muitas vidas,
 Purpureando a praya sanguinosa
 De graõ copia do sangue das feridas:
 Turbado está, porém na perigosa
 Peleja, e das espadas homicidas
 Descem os graves golpes, que as pezadas
 Armas tem por mil partes aboladas.

LV.

N'outra parre a escultura representa
 Huma grande batalha, onde se via
 Que a gente Portugueza se apresenta
 Contra a que em grande numero excedia:
 Com desigual partido se sustenta,
 Té que trocando em medo a ousadia
 O Castelhana foge profligado
 Do inimigo a vencello acostumado.

LVI.

Alli o Mestre de Aviz está abraçando
 Ao soldado, que a facha lhe tomava,
 E a affronta recebida compensando,
 A mesma affronta com seu sangue lava:
 E por vingárlle o campo atravessando,
 Té render o inimigo não parava,
 Entregando por mais honrosa preza
 A bandeira Hespanhola á Portugueza.

LVII.

Pallas ao Grego as armas offerece,
 Que de Lemnos o insigne fabro obrara;
 Elle vendo-as se admira, e lhe parece
 Alta fadiga, e de labores rara:
 Vestese, e armado nellas resplandece,
 Cercado de huma luz ardente, e clara,
 Fazendo assim temerse, que não parte
 Da quinta esfera mais armado Marte.

LVIII.

Ulysses, e Creonte ao campo vinhaõ
 Vestidos ambos de armas excellentes,
 Tremolaõ as bandeiras, com que tinhaõ
 Cuberto o campo os Capitaens valentes:
 Fazem os juramentos, que convinhaõ,
 Descobre o frio os animos ardentes,
 Gorgoris n'hum altar, que a Jove erguia,
 Tres vezes beija a terra, e lhe dizia.

Eter-

LIX.

Eterno Amon, que sendo acometido
 Da humana infania o crystallino muro
 Vibraste os rayos, com que foy ferido
 Briareo em seus braços mal seguro:
 Deste fero inimigo perseguido
 Defenderme offendido só procuro,
 De ti aprendo a defender na guerra,
 Qual tu o proprio Ceo, a propria terra:

LX.

Ulysses neste tempo está prostrado
 A Jupiter dizendo: O' soberano
 Senhor, por quem nos mares arrojado
 Venci soberbas ondas do Oceano:
 Por ti tenho Lisboa levantado,
 A obra he tua só, que braço humano
 Não póde tanto, espero que se veja
 Que tudo acaba quem por ti peleja.

LXI.

Apercebidos ao combate duro,
 A dividida praça ambos tomavaõ,
 Do campo armado, e do soberbo muro
 Com grande suspenção todos olhavaõ:
 Calypso, e a cara máy, que o mal seguro
 Duello afflige, tristes lamentavaõ:
 Já promessas a Jupiter faziaõ,
 Com que a vida, que amavaõ, lhe pediaõ.

LXII.

Com a máy triste Calypso triste estava;
 Que o que sente guardava só consigo,
 O perigo do pay a acobardava,
 E igualmente temia o do inimigo:
 A razão de huma parte a obrigava,
 O amor a obriga, e mete em mór perigo,
 E entre as forças do amor, e do receyo
 Menos sente seu mal, que o mal alheyo

LXIII.

Que dura condiçãõ a em que me vejo,
 Calypso diz cansada, e affligida,
 Pois amo a femrazaõ de meu desejo,
 Porque em perder a vida tenho a vida:
 Que vença o grande Gorgoris desejo,
 E das armas do Grego estou rendida,
 Aonde a vida posso ter segura,
 Se eu contra mim dou armas á ventura?

LXIV.

Se vence Ulysses, vejo desta sorte
 Sem a vida o pay, sem Rey a propria terra;
 Se elle venceffe, vejo minha morte,
 Acho esta guerra paz, esta paz guerra:
 Hum fraco coraçãõ em mal taõ forte
 Que poderá seguir, pois em tudo erra,
 Em que incerta balança a vida tenho,
 Pois onde a viver vou, a morrer venho.

LVXI

Se a Gorgoris victoria a sorte d'esse,
 Este erro, ou este amor, que está encuberto,
 Se por alguma via se rompesse,
 Que me custasse a vida era muy certo:
 Remedio amor, que a alma desfalese,
 Que não sey onde erro, ou onde acerto,
 Guiay, fados, o caso, e vós prestantes
 Deidades, que ajudais tristes amantes.

LXVI

Vem neste tempo a praça atravessando
 O grande Ulysses, no hombro vay movendo
 A lança, que brandia scintillando,
 Da planta o chaõ batido está tremendo,
 Com graõ rumor das armas excitando,
 Nos que de fóra o vem, pavor horrendo,
 O escudo Leostenes lhe trazia,
 E em continente airoso elle o seguia,

LXVII

Gorgoris d'outra parte alto, e membrudo,
 Que na estatuta ignala a hum graõ gigante,
 De laminas cuberto, a quem o escudo
 O soberbo Alcion leva diante:
 Por lança hum grande tronco, que o agudo
 Ferro largo guarnece rutilante,
 No elmo ardente sobe a pluma toda,
 Que açouta o ar com a peregrina roda.

LXVIII.

Lanoso com Creonte em igual paço
 As lanças empunhavaõ como antenas,
 Em cujas forças, e robusto braço
 Ficaõ taõ leves, como leves penas:
 Lançaõ rayos de fogo os peitos de aço,
 Entre as plumagens grandes, e pequenas
 Scintilla o elmo a espaços bem lavrado,
 Cahelhe do hombro o curvo alfange ao lado.

LXIX.

As bandeiras no ar suave, e puro
 Vaõ ondeando, as roucas tubas soaõ,
 As almas suspendia hum bravo, e duro
 Horror das armas, com que o campo atroaõ:
 Já com braço com animo seguro
 Lanças arrojaõ, que apressadas voaõ,
 A receber o ferro, que caminha,
 Cada qual prompta a vista, e escudo tinha.

LXX.

Já Gorgoris c'o braço levantado
 A lança despedia, e naõ podendo
 Ir avante, do ferro atravessado
 Se vê o escudo, e d'elle está pendendo:
 Quando a lança de Ulysses o delgado
 Ar com azas ligeiras fahe rompendo,
 O escudo morde, e resvalando toca
 A plumagem, que a serpente tem na boca.

Deraõ

LXXI.

Deraõ no campo os Gregos grande grita,
 E com applauso o golpe alto seguiraõ,
 As espadas nas mãos com infinita
 Colera hum contra o outro a hum tempo giraõ:
 Lanoso, e o graõ Creonte, a quem incita
 Grande furor, as lanças já se atiraõ,
 Erraõ o golpe as hastes carregadas,
 E as mãos punhaõ nas férvidas espadas.

LXXII.

Aos feros combatentes a ferida
 Batalha tinha posto em grande aperto,
 Botadas as espadas, e a temida
 Fortuna de ambos n'hum estado incerto:
 A armadura fortissima partida
 Por mil partes, o forte escudo aberto,
 Mostraõ o armado corpo defarmado,
 E o chaõ de plumas, e armas semcado.

LXXIII.

Talhos, revezes tiraõ taõ pezados,
 Que acertando no corpo, ou alta fronte,
 Naõ bastaõ armas, e elmos temperados,
 Que fender cada qual podéra hum monte:
 Venise juntos agora, e já apartados,
 Sem que o esforço, ou a destreza monte
 Para naõ serem as armas esparzidas
 Do sangue alheyo, e proprio das feridas.

Naõ

LXXIV.

Não faz taõ grande estrondo o carregado
 Ariete com a testa alta batendo,
 Nem o soberbo vento quando irado
 Os matos, e arvoredos vay rompendo,
 Nem o mar em seu leito levantado
 Contra o penhasco o collo azul erguendo,
 Como a graõ tempestade, que cahia,
 Que os escudos fortissimos batia.

LXXV.

Gorgoris no alto a espada levantando,
 Mete Ulysses o corpo, o braço estende,
 Ao fero golpe o braço, e escudo dando,
 O do inimigo pelo pulso prende:
 Gorgoris por soltarle trabalhando
 Faz grande força, a tudo o Grego attende,
 N'hum a illarga, que está menos armada,
 Mete com todo o braço toda a espada.

LXXVI.

Deixando as armas Gorgoris afferra
 Nos braços a Ulysses duro, e forte,
 Começaõ ambos outra nova guerra,
 Onde procuraõ melhorar a forte:
 Quando Alcides o filho ergueo da terra
 Nos braços, onde teve honrada morte,
 Não fez tal força, porque nestas lides
 Ambos desejaõ parecer Alcides.

LXXVII.

Assim apertados nestes duros laços,
 O negro sangue, e o suor vertendo,
 C'os pés se fazem forças, e nos braços
 Hum do outro cahio com golpe horrendo:
 Qual do alto cahe fazendo se pedaços
 Antiga, e dura enzina, não podendo
 A' furia resistir, e movimento,
 Com que lutando está c'o bravo vento.

LXXVIII.

Gorgoris mal ferido está banhando
 Com espumoso sangue a terra fria,
 Alli as forças ultimas provando,
 Por melhorar-se o corpo revolvia:
 Astrea, que com a morte o vê lutando,
 Calypso, que esta dor melhor soffria,
 Sustentava nos braços desmayada,
 Que onde ha dor, póde escusarse espada.

LXXIX.

Prova de novo a erguer-se, e não podendo,
 Com a graõ força, que faz, abre a ferida,
 Sangue, e alento cada hora vay perdendo,
 Tendo chegado ao ultimo da vida:
 Ulyses, que o vê tal, não lho soffrendo
 A alma de feu mal enternecida,
 Lhe roga, que se renda, e se retira,
 Ao que elle respondia ardendo em ira.

O' ini-

LXXX.

O inimigo, agora só inimigo,
 Pois pedes, que me renda a tua fortuna,
 Usa da sorte, que ella usou contigo,
 Que achaste favoravel, e opportuna,
 Que eu não tetemo a ti, nem o perigo
 Da vida, que me aggrava, e me importuna:
 E entãõ com novo ardor se ergue da terra,
 E com ambas as mãos a espada afferra.

LXXXI.

Posto que fraco, e debil se animava,
 Sobre a cabeça a alta espada erguia,
 E dando o ultimo golpe se prostrava,
 E sobre as armas sem vigor cahia:
 As feridas abertas dilatava,
 Donde o sangue com mór furor corria,
 Qual na vella se vê, que o debil fogo
 Para viver esforça, e morre logo.

LXXXII.

Cahio, e junto delle a propria espada,
 Debil, exangue, os olhos occupando
 A eterna sombra, a vista carregada
 Em agua, e morte sem vigor nadando:
 Té que a alma ferida, e desatada
 Os membros, que animou, desamparando,
 Foge, apar delle o Grego taõ ferido
 Fica, que he vencedor quasi vencido.

Assim

LXXXIII.

Affim do alto cahe o rayo adusto
 No antigo roble, ou pinho, que provado
 Tem de Boreas, e de Euro o fopro injusto,
 E os cabellos mil vezes renovado,
 Cahe o tronco no chaõ grave, e robusto,
 E morto fuma exanime prostrado,
 Tal Gorgoris se vê, que da cahida
 Deitando a alma está pela ferida.

LXXXIV.

Creonte neste tempo, e o graõ Lanoso
 As pezadas espadas levantando,
 Hum estrondo excitavaõ temeroso,
 As fortes armas, e elmos abolando:
 Naõ póde acharse peito taõ nervoso,
 Nem forte escudo, que naõ seja brando
 Aos fortissimos golpes das espadas,
 Feitas nos fios terras de embotadas.

LXXXV.

Quando Creonte, que ferido andava
 No rosto, e da ferida lhe corria
 Grande copia de sangue, ajoelhava,
 E sem poder fosterse, o chaõ media:
 Vay sobre elle Lanoso, a quem gritava
 Uyffes: Temte, ó barbaro, dizia,
 Porém por mais que a defendello corre,
 Quando os braços lhe dá, nelles lhe morre.

Espe-

LXXXVI.

Espera, lhe diz, barbaro insolente,
 Que nesta espada levo o teu castigo,
 Não te matou Creonte, porque lente,
 Que a seu lado me tinha aqui comfigo:
 Tu, que me buscas taõ infanamente,
 Aqui tens, diz Lanoso, o mór perigo,
 Que nesta espada, perfido homicida,
 Me pagarás de Gorgoris a vida.

LXXXVII.

Começaõ os dous mestres da batalha
 Outra nova peleja inda mais dura,
 De ponta hum mete a espada, outra trabalha
 Por desfazer a debil armadura:
 Hum rompe o escudo, o outro abre a malha,
 Senhora está das vidas a ventura,
 A Ulysses causa affronta, e move a espanto
 Como Lanoso em pé lhe dura tanto.

LXXXVIII.

De honroso fogo, e de vergonha acezo
 Lançando atraz o escudo, nas maõs toma
 A forte espada, que c'o grave pezo
 O orgulhoso inimigo abate, e doma:
 Elle, que a morte trata com desprezo,
 Vendo, que hum golpe cahe, e q' outro assoma,
 Pelos fios corria, que despreza
 O inimigo, a vida, e a defeza.

Porém

LXXXIX.

Porém o Grego astuto, vendo a preça,
 Com que Lanoso a elle se arrojava,
 Retirandose vay, sem que pareça,
 Que provarse em seus braços receava:
 E neste mesmo tempo lhe atraveça
 Com mortal ponta a testa, que banhava
 De cerebros, e sangue, que fervente
 A boca occupa, e lingua balbuciente.

XC.

Sobre as armas cahio, sobre elle o escudo,
 Que com o golpe altissimo soaraõ,
 E ao robusto tronco, alto, e membrudo
 Os vencedores Gregos despojaraõ:
 Os Lusitanos com silencio mudo
 O corpo de seu Rey morto cercaraõ,
 Alli choraõ com elle, e desta forte
 Sentem sua curta vida, e triste morte.

XCI.

Triste, porque o amigo morto via,
 Estava o Grego, e em tanto se tocavaõ
 As trompas, cuja voz se repetia
 Nos montes, que á victoria applauso davaõ:
 Entra a nova Lisboa, onde crescia
 A esperança, que os fados levantavaõ,
 A quem Ulysses, por quem foy fundada,
 Primeiro de seu sangue vio regada.

XCII.

Prodigio certo, que inda o fado espera,
 Que nesta terra, e neste immortal ninho
 Nascerá gente bellicosa, e fera,
 Que rompa todo o mar com alado pinho:
 E passando os limites da alta esfera,
 Além donde tem Febo seu caminho,
 Verá seu grande imperio dilatado,
 C'o sangue de suas veas derramado.

XCIII.

Os Lusitanos a seu Rey em tanto
 Hum triste andor, chorando, apercebiaõ,
 Elles detraz com faudofo pranto
 Enchendo o ar de magoas o seguiaõ:
 Logo de hum negro, e enlutado manto
 No andor funesto a Gorgoris cubriaõ,
 Para a triste Cidade o vaõ levando,
 Com lagrimas o morto corpo honrando.

XCIV.

Levavaõlhe diante o estoque agudo,
 F. as proprias armas, com que andava armado,
 O elmo forte, e rutilante escudo,
 Ainda de fresco sangue rociado:
 Hum trofeo erguem, que era exemplo mudo
 De obras de suas maõs vivo traslado,
 A longa ordem dos lumes o comprido
 Caminho abraza, em partes dividido.

Astrea

XCV.

Astrea alli com a vista mal segura,
 Em faudoso pranto desfalece,
 Cresceo c'o pranto a dor, e em dor taõ dura
 Falta o sentido, e o sentimento crece:
 E quando vê eclipsada a formosura,
 Que com a eterna sombra se escurece,
 C'hum suspirar, que d'alma lhe sahia,
 Cega de amor, e lagrimas dizia.

XCVI.

Querido esposo, com razaõ querido,
 Primeiro amor desta alma, ultimo della,
 Pois n'alma por amor viveste unido,
 Morto agora terás sepulchro nella:
 A dor de contemplarte assim ferido
 Já me matou, entrando a padecella,
 Pois vivo em vivo fogo, e pranto vivo,
 Que a dor só vive em mim, que eu já naõ vivo.

XCVII.

Cobre o Ceo de teu rosto sombra escura,
 E he tal sua belleza, que inda agora
 O ar daquella antiga formosura,
 Que morou em teu rosto, nelle mora:
 Oh corpo triste, oh amavel sepultura,
 Cuja vista offendendo assim namora,
 Vivo autor desta vida, a quem a sorte
 Morto fez novo autor de minha morte!

XCVIII.

Voas á paz segura, e nesta guerra
 Me deixas, taõ amado, e doce amigo,
 Minhas faudades lá contigo encerra,
 E o meu primeiro amor guarda contigo:
 Contigo me ferá mais leve a terra,
 Suave a morte, e gloria o mór perigo,
 E se vivo a pezar da Parca dura,
 Viva entrarey na meisma sepultura.

CXIX.

Calypso em tanto a Ulysses victorioso
 Com seu filho nos braços se offrecia,
 Qual depois da tormenta o Sol formoso
 Traz nos braços da Aurora o novo dia:
 Nelles a espera Ulysses amoroso,
 E hum retrato da mãy no filho via,
 Menos graça que os dous alli tivera
 C'o bello filho a deosa de Cithera.

C.

Da Cidade a muralha levantada
 Vayse aperfeiçãoando, e vay crescendo,
 A que o Tejo com vea socegada
 Obedece, mais brando alli correndo:
 Sobre huma, e outra porta torreada
 Vaõ ameas ás núvens excedendo,
 Quer Ulysses partiirse, e se recrea
 Em trabalhar nos muros de Ulyssæa.

Caly-

CI.

Calypso, que o suspeita tristemente,
 De visões, e de sonhos perseguida,
 Em lagrimas distilla a dor, que sente,
 Qual cahe da ferra a neve derretida:
 Huma criada sua tem presente,
 Que procurando vella divertida,
 Sendolhe em suas penas companheira;
 Lhe diz, pela abrandar, desta maneira.

CII.

Naõ permittirá o Ceo, alta Princeza,
 Que seja verdadeiro o teu cuidado,
 Que os sonhos são effeitos da tristeza;
 Nuvens, de que o ceo d'alma anda toldado:
 Naõ offendas, senhora, essa belleza,
 Affrontando teu rosto delicado,
 Que desla vista he a luz taõ poderosa,
 Que até a mesma tristeza faz formosa.

CIII.

Como do Sol os rayos transparentes,
 Quando entraõ no mar de luz escaços,
 Formaõ nas nuvens corpos differentes,
 Castellos, e gigantes de cem braços:
 Onde aquellas imagens apparentes
 O Sol c'os rayos atravessa a espaços,
 As forças muda, e com eterno lume
 Humas de si aparta, outras consume.

CIV.

Affim o cuidado triste, a que te entregas,
 Esses castellos vaõs ergue no vento,
 Credo as leves visoens, tristes, e cegas,
 Que saõ filhas do ar sem fundamento:
 Se saber a certeza agora chegas,
 Com socegado, e livre pensamento
 Verás, que tudo quanto te entristece
 Como huma sombra ao Sol desapparece.

CV.

Vendo Ulysses, que o muro se acabava,
 E o tempo de partir se vem chegando,
 As saudades c'os olhos lhe contava,
 De sua grave dor effeito brando:
 Qual Vesuvio seu peito se abrazava,
 Com suspiros os ares inflammando,
 Falla a Calypso, e mal fallar podia,
 Que as palavras com as lagrimas rompia.

CVI.

Quem poderá em taõ duro apartamento,
 Obedecendo ás forças do destino,
 Esconder dentro n'alma o sentimento,
 Que em furor se converte, e desatino:
 Se me partir, cá fica o pensamento,
 Que eu estimo, e adoro por divino,
 Dura partida he esta, onde a vida
 Para acabarme ha de acabar partida.

CVII.

A fortuna cruel, que me desterra,
 Em canfarme não faz nunca mudança,
 No mar os ventos me fizeraõ guerra,
 Sem nunca achar alivio, ou ter bonança:
 Os perigos do mar achey na terra,
 D'outra tormenta nova semelhança,
 Aberta a alma ao pezo dos pezares,
 Vento os suspiros, os meus olhos mares.

CVIII.

Levarey na minha alma a tua idea,
 Cuja vista suave a dor me abrandá,
 Que me faz parecer a morte fea,
 Sendo feya, e cruel, alegre, e branda:
 Nestes affectos a saudosa vea
 Brandos sinaes de amor aos olhos manda
 Nas lagrimas do fogo, que derramo,
 Onde sempre arderey, como sempre amo.

CIX.

De ouvillo está Calypso amortecida,
 Maltratando seu rosto, e sua belleza,
 Chorando diz: Porque me deixa vida
 Quem leva o gosto della, e me despreza?
 Bem suspeitada foy, mal merecida
 Esta pezada dor, que tanto peza,
 O' morte, onde estás, tu me foccorre,
 Que quem ama, só acerta quando morre.

CX.

Arrancava huma mão, outra feria,
 Os cabellos, e rosto, e a brandura
 Do alvo peito aos golpes offrecia
 A maltratada, e rara formosura:
 Quer fallar, mas a pena lho impedia;
 Pegandose nas fauces a voz pura,
 Queixavase, e do justo sentimento
 Amor o pranto leva, a queixa o vento.

CXI.

Chorando diz: O' ingrato, que nas trevas
 Desta ausencia me deixas sepultada,
 Deixame a melhor parte, que me levas,
 Ou leva esta, que deixas apartada:
 Não te obrigo c' o amor, porque mo devas,
 Que de quem me deixou, não fui amada,
 Por mulher só, que te amo, e assim deixas,
 Podem ser admittidas minhas queixas.

CXII.

Fogesme quando tanto amor te tive,
 E destes filhos, que te iraõ seguindo,
 Elles morraõ por ti, tu Ulysses vive,
 Olha de que inimigos vás fugindo:
 Quaõ enganada n'outro tempo estive,
 Que me amavas (ah triste) presumindo,
 Tua partida agora me declara
 O engano, em que vivi, que não passara.

Aqui

CXIII.

Aqui parou chorando amargamente,
 E mostrando na vista mil affeitos
 Dizia: Que me deixas finalmente!
 Nisto saõ fortes os valentes peitos:
 Deixame, porque chore estando ausente,
 Noites viuyas, dias imperfeitos,
 Vieste, amigo Ulysses, a esta terra
 Fazerme troya de amorosa guerra.

CXIV.

A's torres de minha alma assaltos deraõ
 Desejos invenciveis, a que o fado
 Dobrou a força, com que me venceraõ,
 E o Ilion desta alma vi abrazado:
 Novos incendios em meu peito arderaõ,
 Quando da liberdade vi prostrado
 O nobre muro, e apoz a ardente chãma
 Vi a faco metida a propria fama.

CXV.

Com que honra has de deixarme rodeada
 Destes filhos, que tu quizeste tanto,
 Triste mãy, que com elles abraçada
 Enxugará o seu pranto c'o seu pranto:
 Deixandome entre os meus taõ desprezada,
 Que na esperança do hymineo santo
 Meus erros desculpava a rude gente,
 Quem me desculpará vendote ausente?

Per-

CXVI.

Permitte, ingrato amigo, que te siga,
 Irtehey fervindo em toda a adversidade,
 Se como amiga não, como inimiga
 Triunfarás de minha liberdade:
 Quando vistas o peito, e a loriga
 Para a batalha com mayor vontade,
 Verás que de diante me não mudo,
 Levandote o escudo, e sendo escudo.

CXVII.

Tomalhe-entaõ a maõ para beijalla,
 Sem mais dizer, que sua doce magoa
 Lhe interrompe as palavras quando falla,
 Enchendo a alma de fogo, e os olhos d'agoa:
 Diz muito mais Ulysses no que calla,
 Mais acendem suas lagrimas a fragoa
 De amor, Calypso chora, e tem nos braços
 Os filhos seus, que d'alma são pedaços.

CXVIII.

Entaõ lhe torna: O' minha doce amiga,
 Que a dor fazes mortal desta partida,
 Não me esquece a afeição suave antiga
 Para folgar de verte assim offendida:
 Que tu não podes ser minha inimiga,
 Nem serva, merecendo ser servida
 Desta alma, onde vives, e onde agora
 Como em templo de amor a fé te adora.

Tuas

CIX.

Tuas lembranças dentro n'alma levo,
 Se alma leva comfigo quem se parte!
 Irme Jupiter manda, e não me atrevo
 Determe, que o meu gosto era agradarte:
 Não me póde esquecer o que te devo,
 No mar, na terra, e no furor de Marte
 Tua memoria doce, e namorada
 Em minha alma faudosa irá cravada.

CXX.

Descendo á praya, o lenho fugitivo
 Calypso vendo, alli suspira, e chora,
 Segue a morta esperança hum pranto vivo,
 Que a mesma causa de seu mal adora:
 Mas os suspiros leva o vento esquivo,
 As lagrimas, que sahem dos olhos fóra,
 O mar surdo bebia, em cujo estremo
 Se apresta a ingrata vella, e ingrato remo.

CXXI.

Eclipsada da vista a formosura,
 Seu proprio rosto fere impaciente,
 Esparse o ouro da madeixa pura,
 E o peito bate com furor vehemente,
 A voz solta gritando, que procura,
 Que mova a quem amava, a dor, que sente,
 F o mar, quando nas prayas se quebrava,
 Parece, que do caso murmurava.

Vai-

CXXII.

Vayte, dizia, Grego , e com mais pēnas
 Euro veloz o ar , e o mar abrindo ,
 Dê favoravel curso a essas antenas,
 E prospero te vá sempre seguindo:
 Eu entre a dor , e males , que me ordenas,
 Teu nome , e minhas magoas repetindo ,
 Queixandome estarey ao Ceo, e estrellas,
 Contando os males meus , que são mais q̃ ellas.

CXXIII.

Deixame , ingrato Grego , a crua espada
 Do meu paternal sangue já tingida ,
 Para que morra ao menos consolada ,
 Se em seus fios cortar o desta vida :
 Devias de entender , que era escusada,
 Pois bastava esta dor para homicida,
 Procuraste matarme desta sorte ,
 Fazendo eterna , e immortal a morte.

CXXIV.

O' mar , ó Ceo , que as glorias fugitivas
 Vistes do meu primeiro pensamento ,
 A vós com a voz de lagrimas esquivas
 Se queixa dando vozes meu tormento:
 Vós, penedos , que testemunhas vivas
 Sois das horas de meu contentamento ,
 Montes , onde espalhey saudades tristes ,
 Bosques , que meus segredos encubristes.

A vós

CXXV.

A vós em vão me queixo, e o mar irado,
 E irado vento em vão mover procuro,
 Mar furdo, e furdo vento, que alterado
 Açouta este rochedo aspero, e duro:
 Aqui do debil laço desatado
 Meu espirito este mar, e este ar mais puro
 Ha de turbar, ó ingrato, lhe dizia,
 E o echo, ó ingrato, ó ingrato, repetia.

CXXVI.

Huma montanha, e ferra inhabitada
 Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
 Espalda a cerviz dura de encurvada
 Mostra, que o crystallino Ceo sustenta:
 De pungentes espinhos coroadada
 A fereza das pedras se accrescenta,
 Que pendentes do alto estaõ mostrando,
 Que sobre o mar se vão precipitando.

CXXVII.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca
 Se ouvem disformes brados, e gemidos,
 Com que batendo a levantada roca,
 Vay gastando os penedos corcomidos:
 Grutas escuras abre, onde troca
 Em noite o dia, e nellas escondidos
 Marinhos monstros, e nocturnas aves
 Sahem meneando o ar com azas graves.

Por

CXXVIII.

Por se arrojár Calypso está subida
 Onde a terra mais livre ao ar se estende,
 Cobardemente oufada, e atrevida
 Duvêda, e já a si mesma se reprende:
 Que temo, diz, pois he castigo a vida
 A hum triste, e já no ar c'os filhos pende,
 O Tejo a recebellos vay sahindo,
 Os puros braços de crystal abrindo.

CXXIX.

Hum dos filhos, que leva, lhe tomaraõ,
 Com dous cahio do precipicio horrendo,
 Que no fundo do pego, onde pararaõ,
 Se vaõ em duras pedras convertendo:
 Já de penedos firmes levantarãõ
 A negra fronte, onde o mar batendo
 Sobre o rolo das ondas, que quebranta,
 Espumoso nos ares se levanta.

CXXX.

Com largos braços seus de branca area
 Calypso abraça os filhos transformados,
 Que nas ondas do Tejo, que os rodea,
 Mostraõ seus duros corpos levantados:
 E misturando o sal com a doce vea
 Do rio, os bravos mares empolados
 Alteraõ com mór força, e mayor furia,
 Como em lembrança da passada injuria.

Tem

CXXXI.

Tem nas portas do Tejo levantada
 A testa altiva, e fera, ameaçando
 As naos, que buscaõ porto, e doce entrada,
 De branca escuma as ondas coroando:
 Alli o mar com roucas ondas brada,
 Nos penedos altissimos quebrando,
 Que ruinas maritimas preparaõ,
 E o nome de cachopos conservaõ.

CXXXII.

Já tem da Real purpura vestido
 Ulysses a seu filho, a que o dourado
 Cabello da coroa vê opprimido,
 E a lactea maõ do scetro carregado:
 Quando desce do Olympo esclarecido
 A reprehello o mensageiro alado,
 Que na velocidade parecia
 Lucida estrella, que do Ceo cahia.

CXXXII.

Dizlhe como partia, se deixava
 Por acabar a obra illustre, e rara
 Do graõ templo, que a Pallas fabricava;
 Que os muros de Lisboa sempre honrara:
 Que a vingativa deosa se enojava,
 E que em quanto a partirse se prepara,
 Acabe o templo, disse, e n'hum momento
 Nas leves azas se escondeo do vento

CXXXIV.

A' luz, que pelos ares resplandece,
 Os joelhos por terra o Grego inclina,
 O templo illustre por momentos crece,
 Que acabado com as nuvens se termina:
 Já nelle sacrificios offerece,
 Por melhor applacar Pallas divina,
 Alli pendura as armas, cuja liga
 Foy de Vulcano altissima fadiga.

CXXXV.

Do templo sahe, e solta ao vento o pano
 Da negra antena, deixa a alta Lisboa,
 Onde nasce do Imperio Lusitano
 De tantos Reynos a immortal coroa:
 Cortando os largos campos do Oceano
 No leve pinho, pelas ondas voa,
 Deixando edificada a graõ Cidade
 Emula ao tempo, e á mesma eternidade.

CXXXVI.

Aqui, Senhor, a quem o Cancro ardente
 Té a Urfa Boreal, e o congelado
 Polo obedece, e o lucido Oriente
 Forma hum docel de pérolas ornado:
 A quem terras, e mares do Occidente
 Fazem de seus crystaes soberbo estrado,
 E inda parece a quem vos considera,
 Que he esta a taõ graõ sol pequena esfera.

Aqui

CXXXVII.

Aqui, filho de Jupiter de Hespanha,
 Tendes hum mundo n'huma só Cidade,
 A quem de prata, e de ouro o Tejo banha
 Em sinal de sua eterna magestade:
 Para tamanho Rey coufa tamanha
 Em seus feyos guardou a eternidade,
 Que para se igualar vossa grandeza
 Novos mundos vos busca a natureza.

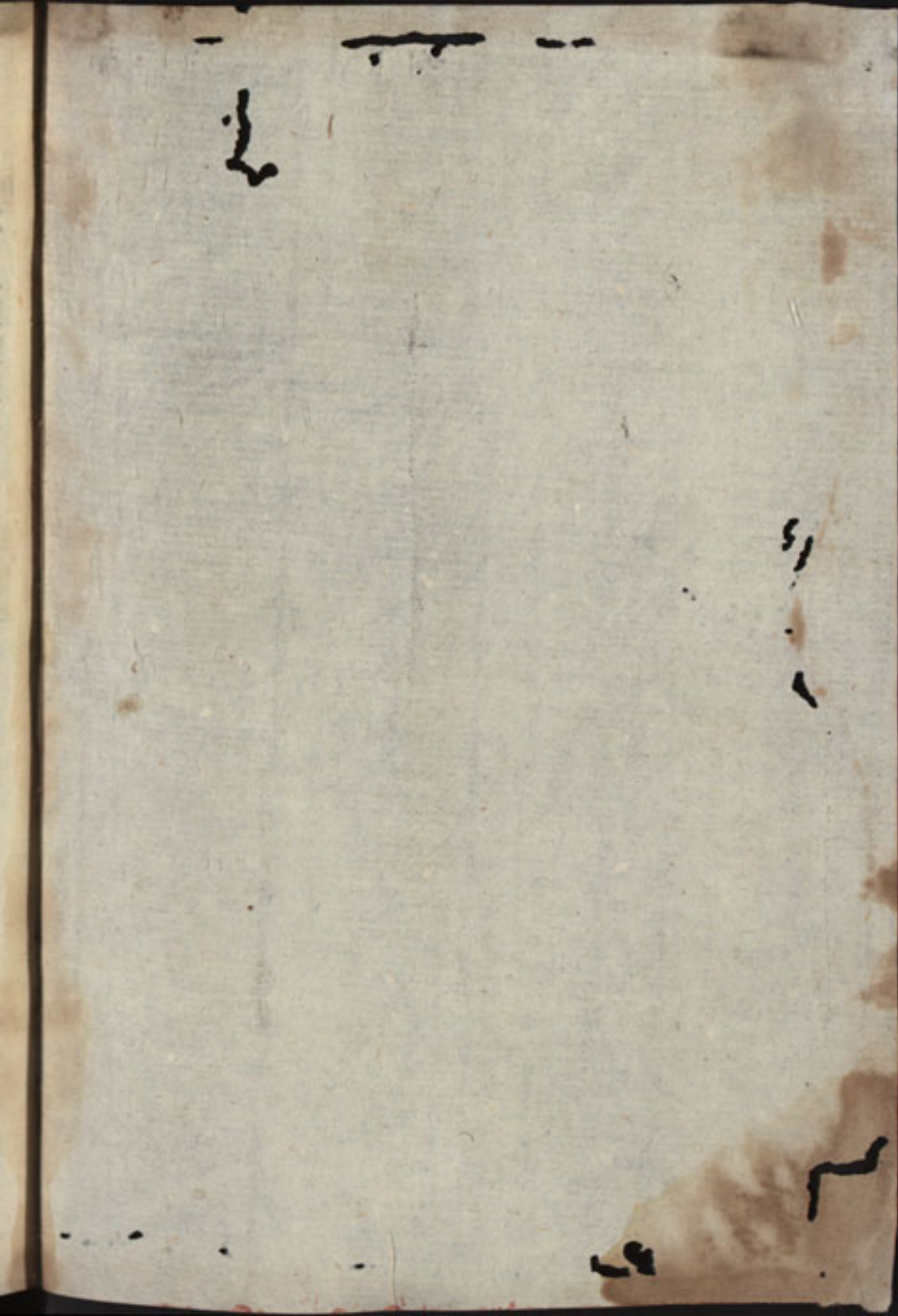
CXXXVIII.

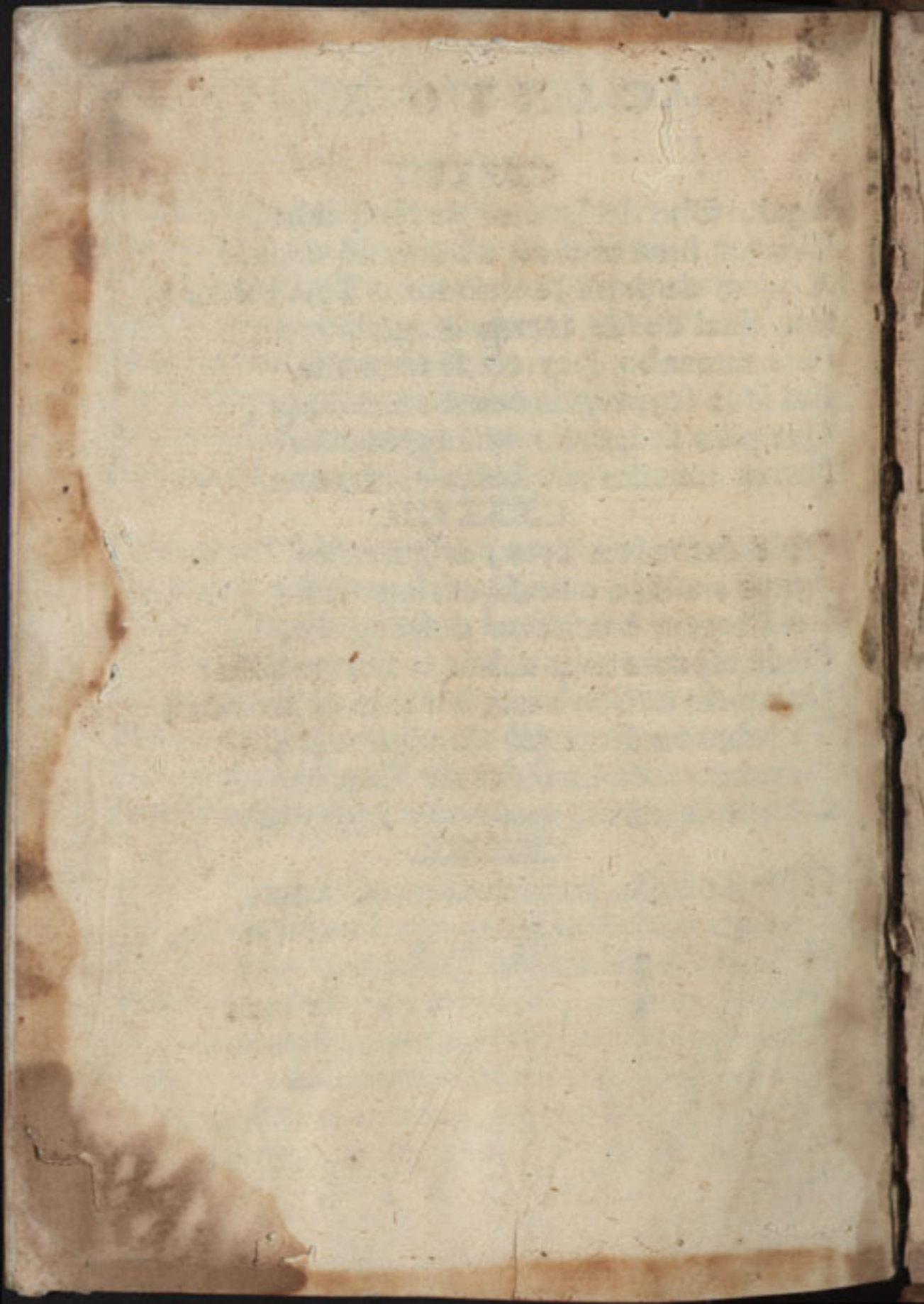
Prole das móres aves, as gravadas
 Armas vesti, e o vosso esclarecido
 Leaõ levem bandeiras despregadas,
 Onde espante toda a Asia o seu bramido:
 Occupem o todo o mar bosques de armadas,
 Té rebentar Neptuno de opprimido,
 Preparem para imagens de Filippo
 Lenços Apelles, marmores Lyssippo

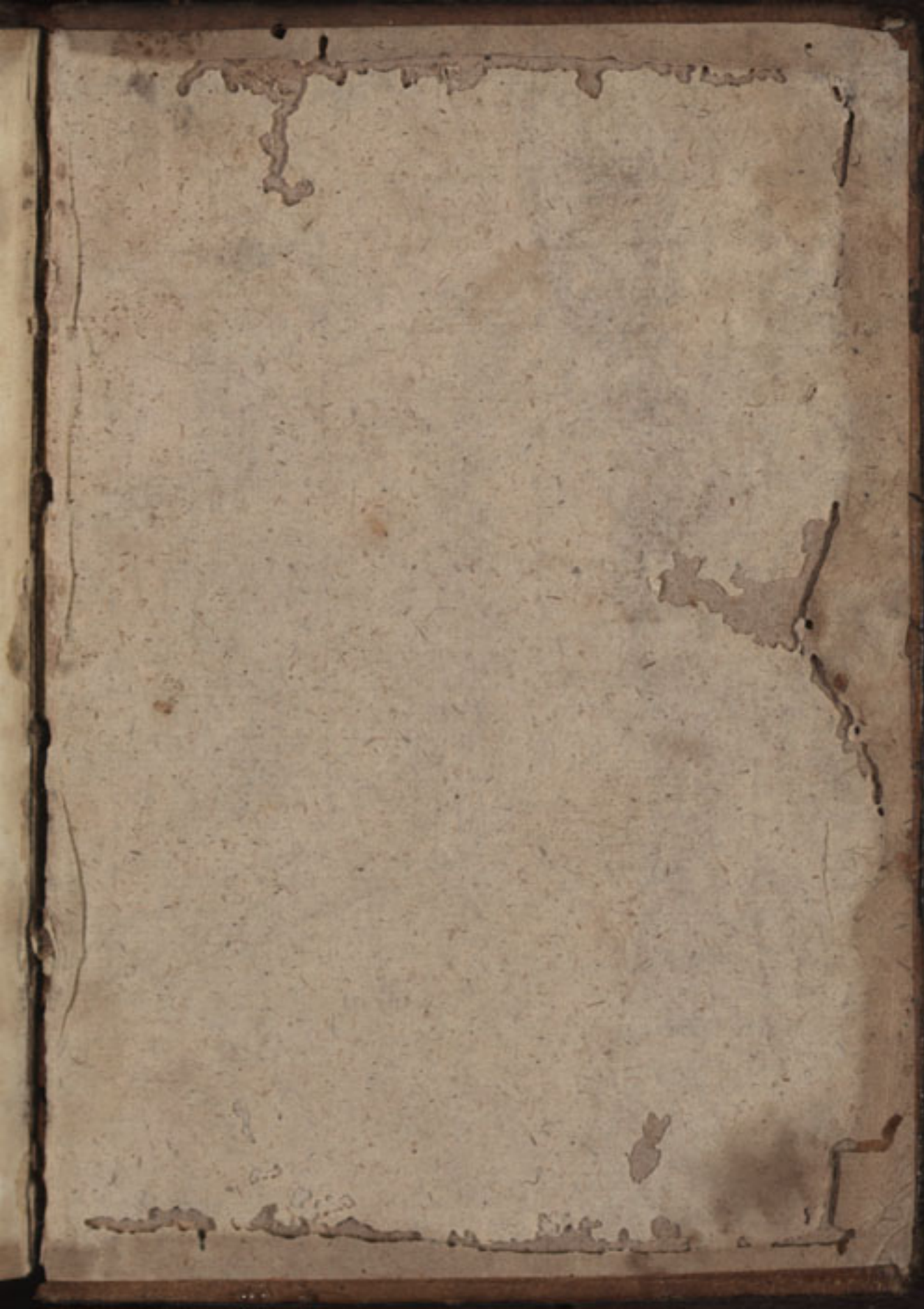
CXXXIX.

O fim de vosso Imperio he o Oceano,
 E o Ceo nos termos, que prescreve ao dia,
 Da segunda coluna do Thebano,
 Atlante, pondo a vista em vós, se enfia:
 Treme o Inglez, o Belga, o Ottomano,
 E partindo com vosco a Monarquia,
 Lhe ficará no Olympo, onde se encerra,
 A Jupiter o Ceo, a vós a terra.

LAUS DEO.









LESLIE B.
DIEIC

Sal
Es
No

DF
E
8
2